



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Denise Batista Ribeiro

Ônibus 174: a notícia espetacularizada

Uma análise da cobertura jornalística na televisão

Brasília, dezembro de 2012

Denise Batista Ribeiro

Ônibus 174: a notícia espetacularizada

Uma análise da cobertura jornalística na televisão

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) como pré-requisito para obtenção do título de graduação em Comunicação Social – Jornalismo.

Professor Orientador: Dr. Paulo Paniago

Brasília, dezembro de 2012

Ribeiro, Denise Batista

Ônibus 174: a notícia espetacularizada - Uma análise da cobertura jornalística na televisão. Orientador: Prof. Dr. Paulo Paniago.

110 páginas

Projeto Final em Jornalismo – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação.

Brasília, 2012

1. Espetacularização 2. Sequestro 3. Violência 4. Ética 5. ônibus
174

Denise Batista Ribeiro

Ônibus 174: a notícia espetacularizada

Uma análise da cobertura jornalística na televisão

Banca Examinadora

Professor Dr. Paulo Paniago

Faculdade de Comunicação - UnB

Orientador

Professor Dr. Luiz Martins da Silva

Faculdade de Comunicação – UnB

Professora Dra. Nélia Del Bianco

Faculdade de Comunicação - UnB

Professor Dr. Sérgio de Sá

Faculdade de Comunicação - UnB

Suplente

Dedico

Aos meus pais, que tanto lutaram para dar-me a mais valiosa das heranças, a educação.

Aos meus irmãos, que com alegria acompanharam minha trajetória.

Ao meu amado companheiro.

Agradeço ao meu orientador, Paulo Paniago, pela paciência e boa vontade. Aos professores que tive o prazer de conviver – se fosse citar todos precisaria de muitas páginas. À minha família, que sonhou meus sonhos. À minha mãe, Socorro, e ao meu irmão, Leandro, pelas madrugadas que passaram transcrevendo vídeos. À família Maluf, em especial, à tia do café, pelos conselhos, ombro amigo, café expresso e cappuccino. Ao meu companheiro, Yuri Maluf, por resolver meus problemas acadêmicos e pessoais, pelos livros emprestados, pela paciência que precisou para suportar minhas reclamações, pelos cafunés nos momentos de desespero e pela consultoria estatística. Aos colegas da CBN, que ficaram sobrecarregados com a minha ausência. Aos amigos, que de alguma forma contribuíram para minha formação. Ao pessoal da secretaria da FAC, em especial ao Rogério, à Grazi e à Cris. À Aline, da ilha de edição. Ao seu Isaías, pelas prosas nos intervalos das aulas. Por fim, agradeço ao meu guia espiritual, pelo cuidado e pela companhia.

Vamos descobrir a feijoada, o carnaval, o frevo, as coisas nacionais. Existe o Brasil! Os “brasilianistas”, esses estrangeiros brasileiros que ficam falando mal do Brasil, esses estão superados pela história. Nós somos negros, mulatos, índios, nós somos um povo de nordestinos, a nossa cultura é a macumba, não é a ópera. De forma que, vamos lá, vamos descobrir o Brasil.

Glauber Rocha

Resumo

Este trabalho analisa a cobertura jornalística no caso do sequestro do ônibus 174, ocorrido em 2000, no Rio de Janeiro. A pesquisa foi desenvolvida sob o ponto de vista da ética no jornalismo, com foco nos mecanismos de espetacularização da notícia. O caso foi veiculado nas emissoras de televisão ao vivo e o assunto pautado dos dias seguintes. Notícias de duas emissoras de televisão foram analisadas: Globo e Bandeirantes. O conteúdo e abordagem que cada uma delas deu ao caso foram comparados. No estudo, foi feita a análise do dia do sequestro e os seis dias seguidos a ele, para avaliar como a mídia pautou a sociedade e autoridades, além da maneira que a polícia agiu, a partir dos holofotes das câmeras de televisão.

Palavras-chave: espetacularização, sequestro, violência, ética; ônibus 174.

Sumário

Introdução	11
1. Apresentação do caso: Ônibus 174.....	13
1.1 O menino de rua	15
2. Referencial teórico	17
2.1 Notícia	17
2.1.1 Agenda setting	18
2.2 Ética no jornalismo	19
2.2.1 Por que falar em ética?	21
2.2.2 Jornalismo, mercado e audiência.....	25
2.2.3 Relação com as fontes.....	26
2.2.4 Direito à privacidade	28
2.3 Espetacularização	29
2.3.1 Espetáculo no telejornal	32
2.3.2 Transmissão ao vivo	34
2.3.3 Mídia e violência	35
2.3.4 Sequestros: publicar ou não?.....	37
3. Metodologia e Universo Pesquisado	39
3.1 Televisão por quê?	39
3.2 Análise de Conteúdo.....	40
3.3 Como mensurar?.....	41
4. Análise e resultado	44
4.1 Presença da mídia	44
4.2 Principal foco da notícia.....	45
4.2.1 Enquadramento da notícia.....	47
4.2.2 Fontes ou personagens ouvidos nas matérias	48
4.2.3 Causas da violência e soluções.....	50
4.2.4 Dramatização da notícia.....	51
4.2.5 Erros	52

4.2.6 Agendamento do caso	53
Conclusão.....	54
Referências bibliográficas.....	56
Anexo	59

Introdução

Noticiar ou não um sequestro que está em andamento? A pergunta faz parte do cotidiano dos jornalistas e das empresas de comunicação. Qual seria a melhor forma de transmitir informações quando vítimas são mantidas em cárcere privado? Algumas empresas avaliam que veicular esse tipo de notícia ao vivo pode prejudicar as negociações entre a polícia e o sequestrador e, inclusive, colocar a vidas dos reféns em risco. Outras alegam que o público tem direito à informação e que não transmitir significa compactuar com o ato criminoso.

O sequestro do Ônibus 174, em 2000, no Rio de Janeiro, foi o de maior repercussão midiática, até então. Tudo começou quando uma equipe de reportagem viu um comboio do Batalhão de Operações Especiais passar e decidiu segui-lo. Poucos minutos depois, repórteres, cinegrafistas e fotógrafos dos principais veículos de comunicação do Rio de Janeiro estavam no bairro Jardim Botânico, onde o ônibus foi interceptado pela polícia militar.

Foram quase cinco horas de sequestro e de transmissão ao vivo. Resultado da operação: uma refém e o sequestrador mortos. Porque a polícia não interveio antes? – questionou a mídia e a opinião pública. Talvez a cobertura ao vivo tenha impactado, de alguma forma, na ação policial. O caso do ônibus 174 gerou inúmeras discussões dentro das redações e das universidades. Mas mesmo com o extenso debate, o assunto não foi encerrado – até porque diariamente surgem casos semelhantes e tão complexos como o do Ônibus 174.

Nesta pesquisa, foi analisada a cobertura de duas emissoras de televisão: rede Globo e rede Bandeirantes. O principal objetivo é responder se as notícias veiculadas foram espetacularizadas ou não, a partir dos conceitos elaborados pelo teórico francês Guy Debord e pelo jornalista Adelmo Genro Filho. O trabalho avalia ainda quais fontes ou personagens foram ouvidos, qual a abordagem da notícia e como a mídia e os agentes públicos foram pautados pelo assunto. Nesta pesquisa, 13 matérias que foram ao ar durante o dia do sequestro, e nos seis dias seguintes, foram analisadas.

O conteúdo da monografia foi apresentado em quatro capítulos. O primeiro deles relembra os detalhes do caso, a partir das notícias dos jornais e, principalmente, do documentário Ônibus 174, dirigido por José Padilha. O segundo capítulo traz os conceitos utilizados na pesquisa, que ajudam a situar o leitor para o capítulo seguinte, que é o da metodologia utilizada para análise das matérias jornalísticas. Por fim, os resultados são apresentados.

1. Apresentação do caso: Ônibus 174

No dia 12 de junho de 2000, um jovem negro entrou armado no ônibus da linha 174, que fazia o percurso Central-Gávea, na cidade do Rio de Janeiro. Sandro do Nascimento, de 21 anos, embarcou no veículo pouco depois de duas horas da tarde. Um passageiro viu que Sandro estava armado e sinalizou para uma viatura da polícia que passava pela rua. O ônibus foi perseguido e parado no bairro Jardim Botânico, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Um carro de reportagem viu o comboio do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) passar e decidiu segui-lo, para saber o que estava acontecendo e iniciou uma transmissão ao vivo. Rapidamente, emissoras de televisão chegaram ao local para também transmitirem ao vivo todo o desenrolar do caso.

Assustado com a presença de muitos policiais e da imprensa, Sandro decidiu fazer os passageiros reféns. A partir daí, deu início ao sequestro de maior repercussão midiática do país até então. O motorista, o cobrador e alguns passageiros conseguiram sair do coletivo pelas janelas e porta traseira. Outros 11 continuaram dentro do ônibus. Sandro demonstrava desequilíbrio e o sequestro parecia mais uma tentativa frustrada de assalto. O rapaz ameaçava os passageiros o tempo todo, no entanto, não fazia nenhuma exigência aos policiais.

Os repórteres, câmeras e fotógrafos chegavam cada vez mais perto do veículo, para obter os melhores ângulos da movimentação dentro do ônibus. A polícia interditou a via para passagem de veículos, mas não conseguiu impedir a aproximação da imprensa e dos curiosos. Para esconder o rosto, Sandro usou o casaco de uma das reféns. Ele colocou a arma na cabeça de uma passageira e seguiu para o banco do motorista. Lá, sentou a mulher no colo dele e mandou-a dirigir o ônibus. Os fotógrafos estavam muito próximos do veículo. Irritado, Sandro disparou contra o vidro do ônibus na tentativa de intimidar os profissionais da imprensa.

A vítima não conseguiu dirigir o ônibus. Sandro chamou então o passageiro William de Moura – que também não conseguiu dar partida no coletivo. O estudante William, que estava com uma mochila, foi o primeiro a ser liberado. Sandro disse que ele poderia ir

embora para não se atrasar para aula. Depois de permitir a saída do primeiro refém, o sequestrador fez uma jovem escrever na janela do ônibus, com um batom, a seguinte frase: “Ele vai matar geral às 6h da tarde”.

As emissoras de TV noticiavam ao vivo toda movimentação. Policiais do Bope tentavam negociar, mas Sandro não exigia nada, parecia não ter qualquer propósito. Atiradores de elite foram posicionados e aguardavam uma ordem do comandante da operação, o coronel Penteado. Também havia uma equipe do Bope pronta para invadir o coletivo, mas não houve ordem para tal.

Sandro liberou mais uma refém – Damiana Nascimento. A mulher conseguiu sensibilizar o sequestrador, ao dizer que o entendia porque tinha um filho que estava preso. Outro homem também foi liberado. Com o passar do tempo, e sem perspectiva de sair daquela situação, Sandro decidiu mostrar o rosto. Com a arma apontada para uma refém, colocou a cabeça para fora da janela para ser filmado pelos cinegrafistas: “O bagulho vai ficar sério mesmo, pode olhar para minha cara (...) vou explodir a cabeça dela seis horas. Pode filmar para todo Brasil olhar mesmo” (Nascimento *apud* José Padilha, 2002).

Pouco antes do prazo estipulado para matar as reféns, Sandro colocou um lençol na cabeça de Janaina Neves e mandou deitar no chão. Disse para os policiais e jornalistas que contaria até cem, e quando chegasse ao fim da contagem, ela seria executada. Do lado de fora, todos imaginavam que Sandro iria matar a passageira. Mas lá dentro, o sequestrador agia de outra forma. Pedia para todas as vítimas gritarem após o tiro. Janaina teria que continuar deitada, deveria fingir que estava morta. E assim foi feito.

Do lado de fora, parecia que a polícia invadiria o ônibus. Mas isso não aconteceu. Em diversos momentos, Sandro colocou a cabeça para fora do veículo, mas não foi alvo dos policiais. Após o disparo, Sandro disse que mataria outra mulher. Decidiu ameaçar Geísa Firmo Gonçalves. Puxou os cabelos da vítima, colocou a arma na boca dela.

Já era quase sete horas da noite quando, sem nenhum aviso prévio, Sandro decidiu sair do ônibus levando Geísa, uma professora de 21 anos, como escudo. A saída do

sequestrador não era esperada pela polícia, que parecia não saber como agir. Indignados, os populares gritavam e chegavam cada vez mais perto do sequestrador. Um policial do Bope, que estava na frente do ônibus, decidiu atirar em Sandro. Mas o sequestrador percebeu a movimentação do policial e virou-se. O tiro acertou Geísa de raspão no queixo. Com o susto, Sandro atirou mais três vezes nas costas da refém, que não resistiu aos ferimentos e morreu.

Sandro foi levado para a viatura da PM. Ele não estava ferido, mas morreu asfixiado dentro do camburão. Os PMs alegaram que o sequestrador estava extremamente violento – teria chegado a morder e quebrar o braço de um policial – então tentaram desmaiá-lo. As câmeras de televisão conseguiram captar a entrada de Sandro na viatura sem nenhum ferimento e o momento em que cinco policiais ficaram amontoados em cima do sequestrador.

O caso, que ficou conhecido como “sequestro do ônibus 174”, teve grande repercussão na mídia televisiva e a ação da polícia foi avaliada pela sociedade e agentes públicos. Assuntos relacionados à falta de segurança da cidade e, até mesmo do país, moveram as pautas das emissoras. Anos depois do sequestro, os policiais que mataram Sandro foram absolvidos por júri popular.

1.1 O menino de rua

Sandro do Nascimento nasceu em 1978. Aos seis anos de idade, viu a mãe sendo morta a facadas. Depois do assassinato foi morar com a tia, mas acabou fugindo de casa. Viveu nas ruas do Rio de Janeiro. Foi um sobrevivente da chacina da Candelária – em que sete crianças foram mortas por policiais enquanto dormiam.

O menino roubava para comprar drogas. Quando era adolescente, chegou a ser apreendido quatro vezes, mas fugiu do centro de internação. Morou com uma mulher que o adotou como filho. Com o passar do tempo, voltou para rua e para o crime. Já adulto, foi preso mais uma vez, mas fugiu novamente.

Dois meses antes do sequestro, Sandro procurou a assistente social Yvonne Bezerra de Mello. Ele disse que queria trabalhar, mas dificilmente conseguiria um emprego. “Olhe para mim e vê se alguém vai me dar emprego” (Nascimento *apud* José Padilha, 2002). Sandro não sabia ler nem escrever e nunca tinha trabalhado.

As pessoas que conviveram com Sandro descrevem-no como um jovem tímido. Na prisão teve bom comportamento. Os amigos diziam que ele seria incapaz de matar. Uma das vítimas, inclusive, teve a mesma impressão. Segundo ela, parecia que Sandro estava desesperado com a situação, mas não sabia como sair do ônibus.

2. Referencial teórico

2.1 Notícia

A notícia, segundo o jornalista professor e Nilson Lage, diferencia-se da reportagem. A notícia é o relato de um fato. Reportagem trata de assuntos, é um instrumento de investigação e interpretação. O professor destaca que há inúmeras definições de notícia em jornalismo. Eis algumas:

Notícia é algo que não se sabia ontem [...] É tudo o que o público necessita saber; tudo aquilo que o público deseja falar; quanto mais comentário suscite, maior é seu valor [...] são os fatos essenciais de tudo o que aconteceu, acontecimento ou ideia que tem interesse humano [...] Informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas. (LAGE, 1981: 26)

Mas nenhuma dessas definições é capaz de determinar de maneira única o conceito de notícia. A professora Thaís de Mendonça Jorge também destaca a dificuldade que os autores têm de conceituar a palavra: “Os autores sinalizam que, desse fato [dificuldade de conceituar notícia], deriva a ausência de um critério compartilhado universalmente para distinguir o que as notícias são do que elas não são” (JORGE, 2006: 2).

Depois de apresentar a complexidade que envolve o conceito da palavra, Lage define notícia como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante” (LAGE, 1981: 26). É necessário ainda levar em consideração que os eventos que são ou não notícias variam de acordo com a cultura de cada país, com a linha editorial e perfil dos jornais e até mesmo com os preconceitos dos profissionais da mídia.

2.1.1 Agenda setting

A teoria do agendamento, ou *agenda setting*, defende a ideia de que os meios de comunicação agendam as conversas dos consumidores de notícia – que tendem a considerar mais importante os assuntos que são veiculados na imprensa. A mídia pauta o relacionamento das pessoas e diz ao público sobre o que ele deve falar (PENA, 2005: 142).

O conceito de *agenda setting* surgiu na década de 1970, nos Estados Unidos, como resposta a outra teoria, a dos efeitos limitados. Esta teoria é baseada na concepção da sociedade como um sistema. Ela foi elaborada por Paul Lazarsfeld e permaneceu em alta entre os anos 1940 e 1960. Após uma pesquisa sobre a influência da mídia no voto dos americanos, Lazarsfeld concluiu que os veículos de comunicação não alteraram a opinião dos leitores, portanto, os efeitos da mídia eram limitados.

Insatisfeitos com a teoria dos efeitos limitados, pesquisadores que tinham experiência em redações criaram a *agenda setting*. Mas a teoria do agendamento teria sido baseada, segundo o professor e jornalista Felipe Pena, nas ideias do livro *Public Opinion*, de Walter Lippman, publicado em 1922. Na obra, Lippman defende que a mídia é que insere os acontecimentos do mundo na mente das pessoas.

O objetivo da teoria do agendamento é analisar como as pessoas apreendem as informações:

A preocupação não está centrada apenas no que as pessoas conversam, mas também em como elas conversam. Um veículo como a televisão, por exemplo, certamente muda nossas formas de aprendizado, pois passamos a nos acostumar com a velocidade das edições e a telegrafia da linguagem. Reflexões profundas e demoradas tornam-se mais difíceis para as gerações que crescem em frente aos aparelhos de TV. O tempo da cognição é outro. (PENA, 2005: 144)

Os consumidores de notícia tendem a incluir ou a excluir informações que a imprensa inclui ou exclui da pauta. A teoria da *agenda setting* defende que a influência da mídia sobre os assuntos que serão tratados pelo público segue a lógica de produção das próprias empresas.

2.2 Ética no jornalismo

Originalmente, as palavras ética e moral tinham praticamente o mesmo significado. Elas denotavam caráter, costume e maneira de ser. No decorrer da história, ética se diferenciou de moral. Ética, derivada do grego *ethos*, significa “costume”, quando a vogal “e” é pronunciada de forma longa, e denota caráter, índole natural, temperamento, conjunto de disposições físicas e psíquicas de uma pessoa, quando pronunciada com vogal “e” breve (COSTA, 2009: 19). Desta forma, *ethos* se refere às características pessoais de cada indivíduo, uma questão particular.

Moral é proveniente do latim *moralis*, *moris*. As duas expressões também significam “costume”. Mas a palavra moral passou a ser percebida como um sistema de regras comuns, de modo a representar uma questão pública e universal.

O pensador belga Luc de Brabandere destaca as diferenças apontadas pelo senso comum em relação às palavras ética e moral. Segundo Brabandere, a ética dirige-se à inteligência, surge do “interior de cada um”, é de ordem individual e persegue o amor e o bem estar. Já a moral dirige-se à vontade, vem do “exterior, dos outros”, é compartilhada e persegue a justiça (BRABANDERE *apud* COSTA, 2009: 20).

No campo de comunicação, os primeiros jornalistas eram considerados bons profissionais se agissem norteados pelas regras da boa consciência. Se assim não fosse feito, deveriam prestar contas à justiça. As constantes desconfianças em relação aos profissionais de comunicação fizeram com que se proliferasse os códigos deontológicos no século XX. Deontologia significa *o que deve ser*, baseado na reflexão ética, nas normas sociais e, em alguns casos, nos preceitos jurídicos. Mas, segundo o professor Niceto Blázquez, os códigos

deontológicos não recebem a mesma interpretação prática, já que dependem da cultura e filosofia de cada povo.

A palavra “código” é proveniente do latim *codex*, que é o corpo de leis e normas logicamente estruturado. Também é o conjunto de leis e normas de uma atividade profissional. Já os códigos deontológicos da comunicação representam o conjunto de princípios, normas e preceitos organizados pela própria área, de forma que auxilie o trabalho dos profissionais. É denominado deontológico porque alude aos deveres do jornalista com o público (BLÁZQUEZ, 1999).

O código de ética profissional dos jornalistas é o conjunto de princípios que inspiram o comportamento do jornalista e o conjunto de regras que lhe ditam a sua postura em todas as circunstâncias em face do público, dos governos e dos órgãos públicos, dos seus colegas e dos seus superiores, assim como em face da direção da sua empresa em geral. O respeito ao código de ética é um dever fundamental do jornalista. A violação do código acarreta sanções e sua violação grave e repetida pode resultar em expulsão da profissão [...]. (Carta dos Direitos dos Jornalistas Canadenses, 1999 *apud* BLÁZQUEZ, 1999: 113)

A preocupação com as questões éticas no jornalismo surgiram junto com a necessidade de abranger o direito à informação. O primeiro código escrito teria aparecido em 1690, em Boston, quando Benjamin Harris apresentou conceitos sobre verdade, objetividade e exatidão, como requisitos fundamentais para uma notícia. No texto, Harris condena boatos e defende que os erros deveriam ser corrigidos. Harris e os seguidores dele defendiam que os critérios morais tinham que ser levados em consideração. Assim, o jornalismo era uma espécie de profissão “de boa fé” (BLÁZQUEZ, 1999).

Os códigos deontológicos apareceram como mecanismo de defesa contra interesses políticos e econômicos e com a finalidade de assegurar informação livre e objetiva, o que também garantia boa imagem aos profissionais da comunicação (BLÁZQUEZ, 1999). O que não significa, no entanto, que os códigos traduzem a moral e ética universal. O real objetivo

é alertar os jornalistas sobre a necessidade de serem honestos e responsáveis ao servirem ao público.

Em 1983, foi estabelecido *Os princípios Internacionais da ética profissional dos jornalistas*, via Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O código tinha anseio de validade universal. Em 1978, também surgiu a declaração da Unesco sobre os meios de comunicação, que reúne princípios gerais sobre comportamentos morais, éticos e deontológicos da profissão. Mas vale observar que, além das diversas abordagens e interpretações possíveis em um documento internacional, há choques de culturas que não permitem que o código seja utilizado da mesma maneira em todos os países. A diferença na cobertura jornalística de países democráticos e ditatoriais, por exemplo, demonstra isso.

Os códigos deontológicos foram difundidos no século XX, depois da Segunda Guerra Mundial, a partir do progresso dos meios de comunicação. Os avanços da tecnologia possibilitaram o desenvolvimento de novos códigos e o aprimoramento dos antigos (BLÁZQUEZ, 1999).

Para o professor de ética e deontologia da Universidade Complutense de Madri Porfirio Barroso, os códigos deontológicos da comunicação estão presentes em diversas organizações ou empresas, mas, em alguns casos, são os profissionais que ditam as próprias normas éticas (BARROSO *apud* BLÁZQUEZ, 1999: 124). O professor de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina Francisco José Karam (1997), defende que os códigos deontológicos devem ser “um eixo que norteia a ação profissional, tanto no sentido de cumprir quanto negar um princípio”.

2.2.1 Por que falar em ética?

No século XVII, a ética no jornalismo já era objeto de estudo. Considerado o “progenitor” da teoria do jornalismo, o acadêmico Tobias Peucer defendeu em 1690, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, a tese de doutorado intitulada *Os relatos*

jornalísticos. Foi a primeira pessoa a levar o pensar técnico do jornalismo para academia (COSTA, 2009).

Peucer, nascido em Görlitz, na Alemanha, formou-se em teologia e medicina, não foi jornalista. Viveu num tempo de mudanças políticas e sociais, após a reforma de Martino Lutero que desestruturou o catolicismo. No período, a burguesia comercial estava em ascensão e vivia-se uma fase embrionária do “espaço público”, entendido um conjunto de informações divulgadas de forma acessível – termo estudado posteriormente pelo sociólogo e filósofo Jürgen Habermas.

Na tese de doutorado, Peucer defendeu que o jornalismo deveria ser estruturado no tripé: verdade, justiça e ética. O jornalista era responsável por uma representação própria do fato, ou de terceiros. O teórico, no entanto, considerava que o relato “presencial” do jornalista tinha mais valor para a notícia do que o extraído por outras pessoas. Foi o primeiro a dizer que o profissional deveria estar junto dos fatos.

Para elaborar os relatos, Peucer defendia a necessidade de juízo, para que os rumores infundados fossem separados das coisas públicas, aquelas que mereciam, de fato, serem contadas. O juízo levava à racionalidade e à razão. Peucer criticou a falta de juízo de alguns profissionais:

Falta frequentemente [o juízo] aos redatores de periódicos quando procuram falar de banalidade e minúcias e omitem o que seria útil e fácil de ler, envernizam com documentos o que ouviam dizer por outros e, por fim, quando não têm coisas exatas, fazem passar por história as suspeitas e conjunturas dos outros. (PEUCER *apud* COSTA, 2009: 43)

Um escritor de periódicos deveria seguir o ordenamento ético baseado na vontade, credibilidade e amor a verdade. Os fatos careceriam de uma seleção por parte dos profissionais, mas com algumas restrições. Era preciso ter prudência com as desgraças

humanas, com a privacidade dos príncipes e autoridades, além de precaução de caráter moral para não publicar nada que prejudicasse os bons costumes.

Peucer destacou ainda que os jornalistas tinham mais licença para errar do que os historiadores. Isso porque os redatores escrevem “quase precipitadamente” para atender o povo. No estudo, o teórico acrescentou que o profissional não precisava ser oratório nem poético, porque a oratória distanciava o leitor que deseja obter novidades e a poesia causava confusão.

Desde 1690, o jornalismo já era tratado como negócio. O lucro era desejado tanto por quem produzia os periódicos como também, obviamente, quem os vendia. Ou seja, o jornalismo já nasceu como um negócio (COSTA, 2009: 43).

As discussões sobre o jornalismo, apresentadas pelo teórico Tobias Peucer, no século XVII, ainda estão presentes na sociedade contemporânea. A questão do tempo para apuração, do lucro, o conceito de notícia, a seleção das informações, o direito a privacidade dos personagens envolvidos nos fatos e a ética (COSTA, 2009).

Segundo o jornalista e professor da Universidade de São Paulo (USP) Eugênio Bucci, discutir ética não é uma trivialidade que pode ser resumida entre separar o lícito do ilícito, o certo do errado. De acordo com o professor, “os dilemas éticos estão constantemente se transformando, assumindo complexidades inéditas, e não há receitas acabadas para dirimi-los todos” (BUCCI, 2000: 24).

Para a professora de filosofia da USP Marilena Chaui, a ação ética só é possível se realizada de maneira racional, livre e responsável. A conduta ética é resultado da decisão do agente, por ele ter racionalidade e liberdade, ou “livre arbítrio” (BUCCI, 2000).

Edmund Lamberth, professor da University of Missouri School of Journalism, expõe duas correntes principais que aparecem nos estudos sobre imprensa: a teleológica e a deontológica. A primeira leva em consideração as consequências do ato, de forma que o jornalista deve ser orientado pelo que traz mais benefícios éticos para o maior número de pessoas. O profissional deve calcular qual atitude trará melhores resultados para sociedade.

Já a corrente da deontologia não conta com a arte da adivinhação. É baseada na ideia de Immanuel Kant, que considera que uma conduta só pode ser eticamente aceita se for universal, a consequência do ato não importa (BUCCI, 2000).

Uma terceira proposta é apresentada pelo presidente do Institute for Global Ethics, Rushworth Kidder. Para ele, o cada um deve agir em relação ao outro como gostaria que os outros agissem em relação a si. Uma regra baseada nos princípios cristãos.

Mas Bucci lembra que não há correntes ideais a serem adotadas:

[..] no ofício jornalístico, não existem nem deontologistas puros nem utilitaristas puros. As duas correntes se mesclam, com uma sutil inclinação para aquela que prevê a responsabilidade dos agentes sobre seus atos e as consequências deles. (BUCCI, 2000: 24)

Com frequência os jornalistas utilizam uma “moral provisória”, para justificar situações e escolhas moralmente contestáveis:

É uma “moral provisória” porque temporária, porque não tem caráter permanente, porque serve provisoriamente para uma determinada situação que requer, por exemplo, meios moralmente condenáveis para conseguir fins moralmente defensáveis. (COSTA, 2009: 253)

Mas a moral provisória não faz parte apenas do mundo dos jornalistas, ela também integra a indústria da comunicação, que funciona dentro da lógica do lucro.

2.2.2 Jornalismo, mercado e audiência

Uma breve contextualização histórica será apresentada, de modo a facilitar o entendimento do jornalismo como negócio, inserido da lógica de mercado. Como já foi dito anteriormente, a profissão já era pensada dentro de uma lógica comercial desde 1690.

No século XIX, o fazer jornalístico se transformou numa indústria de escala. Isso no contexto da Revolução Industrial, com as mudanças econômicas e sociais decorrentes das novas tecnologias e advento das máquinas. As tiragens aumentaram, os livros assumiram o formato de folhetim e o público, já com o hábito de ler, passou a consumir notícias diariamente (COSTA, 2009: 86).

O professor de teoria da comunicação da Université Stendhal de Grenoble (na França) Bernard Miège sugere uma divisão histórica que ocorreu na imprensa. Segundo ele, foram quatro estágios.

O primeiro foi o da imprensa de opinião, em meados do século XVIII, marcado pela presença literária e estilo polêmico dos textos publicados. Em seguida, a partir da metade do século XIX, veio a imprensa comercial, que tinha o objetivo de satisfazer as necessidades do público, vinculada à publicidade. Não tinha, até então, pretensão política, o objetivo era o de agradar o leitor “cliente”.

No século XX, os meios audiovisuais surgem e transformam o público em consumidores de massa. Já por volta dos anos de 1970, Miège define o quarto estágio da imprensa como a era das relações públicas generalizadas (ou comunicação generalizada). Os Estados, as instituições e as grandes e pequenas empresas se organizam, de modo que cada uma delas promove os próprios conteúdos. O objetivo é de que as informações tenham, posteriormente, espaço na mídia.

O professor destaca que o jornalismo de opinião, a imprensa de massa e os meios de comunicação de massa não deixaram de existir com o advento da comunicação generalizada, mas passaram a ser organizados dentro de um campo maior, no qual a hegemonia é exercida pelas relações públicas generalizadas (BUCCI, 2000: 194).

A imprensa contemporânea “integra uma superindústria que vai das atrações do entretenimento às infraestruturas de telecomunicações” (BUCCI, 2000: 167). A informação funciona como capital. O desempenho financeiro da mídia está associado ao agrupamento dos veículos de comunicação. No Brasil, a Rede Globo ainda detém hegemonia em relação à audiência e é considerada uma das maiores televisões privadas do mundo (BUCCI, 1996: 14).

O dinheiro que nutre as empresas de comunicação vem da credibilidade pública, não dos anunciantes. “(...) o único alicerce de uma revista ou qualquer outro veículo jornalístico é sua credibilidade” (BUCCI, 2000: 65). Mas é necessário observar que praticamente todos os programas veiculados na rede de televisão aberta do Brasil têm publicidade. E muitos deles reforçam estereótipos, preconceitos e sustentam a audiência com temas relacionados à violência e sexo. Mesmo assim, as empresas não deixam de usá-los para o anúncio de produtos.

Não é difícil observar que os programas que mais geram protestos são os que têm maior audiência. Os responsáveis por esses programas costumam dizer que “dão ao público o que eles querem”.

2.2.3 Relação com as fontes

A notícia sempre tem uma vítima. Com a divulgação dos fatos, algum personagem acaba prejudicado e há também quem seja favorecido. Isso cria, em torno da imprensa, um ciclo de interesses. Fontes costumam procurar jornalistas para passar informações exclusivas, mas pedem para não serem identificadas na matéria. Resultado: pessoas acabam prejudicadas com informações às vezes mal apuradas – baseadas apenas em relatos –, e por vezes mentirosas.

Segundo o jornalista e professor Caio Túlio Costa, a mídia é capaz de julgar e condenar os agentes da notícia:

Os proprietários dos veículos de comunicação medem mal, têm pouca consciência (ou muita) do grau de poder da mídia tradicional e da sua “natureza corruptora”. O abuso de poder aparece em manchetes, reportagens de televisão e capas de revista que imediatamente julgam e condenam personagens das notícias sem a menor possibilidade de apelação – porque uma vez julgado pela mídia, mesmo que alguém consiga a inocência nos tribunais, já estará irremediavelmente julgado pelo público. (COSTA, 2009: 234)

Às vezes, os envolvidos no fato não são ouvidos, seja pela falta de tempo do profissional, porque a fonte não foi encontrada ou não quis falar, por preguiça do repórter ou até mesmo por incompetência ou má fé. Quando o personagem se vê prejudicado e tenta apresentar outra versão do evento, não consegue lugar de destaque na notícia. Isso só é possível por meio de decisão judicial, o que costuma acontecer depois de muito tempo. Mas às vezes já nem faz sentido, porque pode chamar atenção de quem não havia visto a publicação anteriormente (COSTA, 2009: 224).

Os personagens também costumam ser tratados como “santos e vilões”, representantes do bem e do mal. São subjugados a partir de estereótipos e fabricados de maneira falsa, uma vez que estão sempre submetidos a uma dramatização.

A maneira como as informações são adquiridas também precisa ser observada. Com o objetivo de denunciar falcaturas, profissionais da imprensa costumam usar câmeras escondidas, gravações clandestinas, não se identificam como jornalistas e invadem privacidade. O argumento é sempre o mesmo: se assim não fosse, a informação não seria obtida. Mas até que ponto os fins justificam os meios? No livro *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória*, o jornalista Caio Túlio Costa defende não há justificativa para a utilização de recursos ilícitos pelos profissionais de imprensa.

2.2.4 Direito à privacidade

Os veículos de comunicação devem publicar ou não informações sobre a vida privada das pessoas? A Constituição Federal de 1988 diz que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito de indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”.

O dilema do jornalista não deve ser o de invadir ou não a privacidade da fonte. Segundo Bucci, as questões que devem ser colocadas são: quais critérios justificam abordar a vida íntima do personagem e como fazê-lo. Na maioria dos casos, os temas da intimidade servem apenas como fofocas, movidos pelo interesse comercial do veículo de comunicação.

Mas quando a invasão de privacidade é “justificada” pela divulgação de um fato de interesse público? Bucci argumenta que se a vida íntima do ex-presidente da república Fernando Collor de Mello não fosse invadida por jornalistas, a democracia brasileira “estaria hoje mais atrasada do que está. E o jornalismo também” (BUCCI, 2000: 155).

Entretanto, o jornalista esclarece que é preciso observar o que é, de fato, interesse público e o que é curiosidade do público. Ele observa que os personagens marginalizados costumam não ter direito à privacidade:

Os sensacionalistas do rádio e os programas policiais de final da tarde em televisão saciam curiosidades perversas e até mórbidas tirando sua matéria-prima do drama de cidadãos humildes [...] As câmeras invadem barracos e cortiços, e gravam sem pedir licença a estupefação das famílias de baixíssima renda que não sabem direito o que se passa. (BUCCI, 2000: 156)

Mas quando a notícia envolve pessoas de classe alta, tem-se mais cuidado na divulgação do caso:

O jornalista parece achar que tem de julgar, condenar e, sobretudo, atacar os criminosos. Especialmente os de baixa renda. [...] Os poderosos costumam receber um tratamento correto. A imprensa ouve o seu advogado; dá as suas explicações sobre o crime – dá-lhe, enfim, chance de defesa. Mas não segue a mesma rotina quando os criminosos são de baixa renda. Esses, de cara, viram bandido. (BARCELLOS *apud* RAMOS e PAIVA, 2007: 84)

O receio de processos judiciais e, às vezes, as consequências até mesmo econômicas (já que a fonte pode interferir de alguma forma na publicidade do veículo) permitem uma reflexão maior por parte da empresa de comunicação.

2.3 Espetacularização

O teórico francês Guy Debord apresenta o conceito de espetacularização a partir da abordagem marxista. Segundo o escritor (um boêmio que não se dedicou à carreira acadêmica, deu preferência à militância de esquerda), na sociedade do espetáculo a vida ganha um valor mercadológico. O mundo espetacularizado é o mundo dominado pela economia – que se utiliza do espetáculo para vender informações e produtos e, a partir disso, lucrar. Essa relação social é baseada na lógica do acúmulo de riqueza, em que as classes dominantes se sobressaem. Já as pessoas que não pertencem a essa classe agem e pensam a serviço da hierarquia, uma vez que o capital é fator preponderante nesta relação social.

O conceito de espetacularização, elaborado por Guy Debord na década de 1960, além de ser baseado na lógica marxista, é também fundamentado na teoria crítica da Escola de Frankfurt. Desta forma, a imprensa é entendida a partir do conceito de indústria cultural, organizada de acordo com a produção capitalista que reproduz a ideologia dominante da sociedade.

No campo do jornalismo, as empresas de comunicação influenciam os espectadores. As imagens veiculadas pelas emissoras traduzem as relações sociais por meio da produção,

troca e consumo. Para obter cada vez mais lucro, os veículos de comunicação, baseados em pesquisas mercadológicas, oferecem informações e produtos que chamam atenção do público. Na indústria cultural, a massa é “engolida” pelos agentes dominantes – que agem a partir da lógica capitalista. A comunicação é dirigida as massas acríticas:

A indústria é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. [...] O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito desta indústria, mas seu objeto. [...] As massas não são a medida, mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não possa existir sem a elas se adaptar. (Adorno *apud* MARQUES, 2006: 36)

A imprensa, segundo Debord, produz o espetáculo e colabora para o triunfo da sociedade espetacularizada, já que essa é a linguagem que mais arrecada capital a partir da venda da “mercadoria-notícia”. No livro *A sociedade do espetáculo*, Debord defende que os grandes veículos de comunicação funcionam como agentes ideológicos do capitalismo. Há uma tendência de simplificar os discursos, por meio da espetacularização da notícia – que, por sua vez, tende a criar ou recriar a realidade dos fatos. Desta forma, a imprensa perde a função mediadora e reflexiva e passa a traduzir apenas os interesses ideológicos da empresa de comunicação. Para Debord, “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem”.

A imagem, na sociedade do espetáculo, tem função importante. Isso porque não basta ser ou ter, é necessário aparecer. Para Debord, a imagem é uma abstração do real. Os espectadores consomem e contemplam as imagens passivamente. O espetáculo, segundo Debord, “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997).

Segundo o pesquisador Jaime Carlos Patias, os grandes jornais e revistas se transformaram em mercadorias a partir da segunda metade do século XX. As empresas de comunicação passaram a ser valorizadas pelo mercado na medida em que vendiam os

produtos aos leitores – que se tornaram também uma mercadoria a ser comercializada aos anunciantes que desejavam lucrar através da publicidade (PATIAS, 2006: 83).

Na década de 1980, a espetacularização ganhou força nos Estados Unidos, a partir da expansão dos grandes conglomerados econômicos que incorporam os veículos de comunicação. A mídia conquistou o público com a exploração da violência na TV. Segundo Jaime Patias, “quanto mais violência no noticiário, maior a audiência, maior o preço do horário para o anúncio e maior o retorno em publicidade” (PATIAS, 2006: 83).

Filósofo e sociólogo francês, Jean Baudrillard alega que não adianta tentar elevar o nível cultural da informação. O público, segundo ele, tem interesse em receber a linguagem espetacular:

[...] As massas resistem escandalosamente a esse imperativo da comunicação racional. O que se lhes dá é sentido e elas querem espetáculo. Nenhuma força pôde convertê-las à seriedade dos conteúdos, nem mesmo à seriedade do código. O que se lhes dá são mensagens, elas querem apenas signos, elas idolatram o jogo de signos e de estereótipos, idolatram todos os conteúdos desde que eles se transformem numa sequência espetacular. (BAUDRILLARD, 1985: 15)

A linguagem espetacularizada foi expandida, de fato, na década de 1980. Mas no Brasil, o primeiro programa sensacionalista já teria sido estreado em 1966. *O homem do sapato branco*, apresentado por Jacinto Figueira Júnior, foi ao ar pela TV Bandeirantes, Globo, SBT e até mesmo pela TV Cultura – emissora teoricamente mais preocupada com qualidade da programação. O programa retrava a miséria, os conflitos familiares e as histórias policiais, com matérias produzidas nas ruas e entrevistas no estúdio. O termo “mundo cão” foi criado pelo apresentador.

O homem do sapato branco chegou a ser proibido pela censura federal, durante a ditadura, que o classificou como “sensacionalista”. Mas a programação voltou para TV na

década de 1980. O cenário era escuro e uma trilha sonora dramatizava ainda mais o programa. Os sapatos brancos de Jacinto recebiam um *close*. A ideia era mostrar o apresentador como uma espécie de “médico do povo”.

Em 1991, foi estreado no SBT o *Aqui e agora*, um programa policial que mostrava crimes escandalosos. O modelo teve grande audiência e, desde então, cada vez mais programas sensacionalistas foram criados nas emissoras brasileiros. É possível destacar alguns exemplos: *Brasil Urgente* da TV Bandeirantes, *Cidade Alerta*, da Record e *Linha Direta*, da Globo. Mas é necessário enfatizar que a linguagem do espetáculo não está presente somente nos programas policiais. Os telejornais, de maneira geral, também utilizam esse modelo para atrair o público.

Os temas pessoais ocuparam lugar de destaque na grande mídia – já que o modelo sensacionalista obteve lucro – o que colaborou com o reforço ao culto do personalismo e deixou os temas de interesse público com menor destaque.

2.3.1 Espetáculo no telejornal

O espetáculo no telejornal brasileiro é marcado por algumas características. Segundo Jaime Carlos Patias (PATIAS, 2006: 96), a narração é feita no presente, com repórteres que descrevem os casos da rua, ao vivo, seguidos por uma câmera que capta o som dos ruídos, dos gritos, dos tiros. Mesmo com o fato já encerrado, a história é contada pelo repórter como se ainda estivesse acontecendo.

Com o pouco tempo para apuração das notícias e a ânsia por audiência, os profissionais muitas vezes deixam de ouvir os envolvidos na história, não conferem as informações antes de divulgá-las e julgam e condenam suspeitos. A linguagem utilizada é a coloquial e a emoção costuma estar presente nas narrativas (PATIAS, 2006: 97).

Quando o jornalismo emociona mais do que informa, embora seja legítimo que as narrativas de TV comportem emoção e despertem sentimentos, tem-se aí um problema ético, que é a negação da sua função de promover o debate das ideias no espaço público. (BUCCI, 2000: 144)

Na programação televisiva brasileira a linguagem do espetáculo é presente principalmente nos programas sensacionalistas. O gênero explora o extraordinário e anormal e usa imagens chocantes. A emoção e o apelo se sobressaem – a começar pelas manchetes. As reportagens têm o tempo que for necessário para chamar a atenção do telespectador e o objetivo principal é satisfazer os instintos da massa.

O sensacionalismo está mais ligado a mercantilização da informação: fazer negócios com a divulgação de escândalos e de crimes e, por que não, de soluções ilusórias para os problemas da sociedade. Essas características reforçam a identificação do telejornal sensacionalista com produto de consumo. (PATIAS, 2006: 82)

Para o jornalista e professor Eugênio Bucci, o telejornalismo costuma ser melodramático. Não basta informar, é necessário surpreender, chocar. Na condição de produto cultural, as notícias apresentam verdadeiros espetáculos para as platéias. E essa característica é mais comum na televisão. O principal critério da informação é a imagem, que, de forma impactante, entretém o telespectador. A cor e o movimento também são elementos fundamentais (BUCCI, 1996).

O telejornal, para Bucci, “fala um pouco à cabeça, mas fala muito mais ao coração”. Se não for desta forma, não faz sucesso. O *Jornal Nacional*, por exemplo, utiliza o melodrama, onde o bem vence ou mal – ou pelo menos tenta. A informação na TV é mais dramática do que factual. Nos mesmos moldes da ficção, apresenta mocinhos e bandidos. Mas ao dramatizar a notícia, o telejornalismo deixa de explicar temas complexos (BUCCI,

1996: 31). O noticiário constrói pequenas novelas. O telejornalismo disputa lugar no mercado não apenas com outros veículos de comunicação, mas também com as produções de entretenimento.

2.3.2 Transmissão ao vivo

Para o professor de comunicação Arlindo Machado (MACHADO, 2000), o tempo presente é uma característica marcante no telejornal. Mesmo quando o material é pré-gravado, as formas básicas de produzir e editar são muito semelhantes com a reproduzida ao vivo. A transmissão ao vivo, no entanto, é questionada por críticos:

A uma velocidade determinada, a da informação, as coisas perdem seu sentido. Torna-se mais arriscado enunciar (ou denunciar) o apocalipse do tempo real, uma vez que é nesse momento precisamente que o acontecimento se desvanece e se converte em um buraco negro de que a luz já não pode escapar. A guerra implode em tempo real, a história implode em tempo real, toda comunicação, todo significado implodem em tempo real. Até o próprio apocalipse, como encerramento da catástrofe, resulta improvável. (BAUDRILLARD *apud* MACHADO, 2000: 127)

Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu, a urgência da televisão de transmitir o tempo presente desfavorece o pensamento, de forma que é necessário um afastamento temporal para que a reflexão seja possível. “[...] Em condições de urgência a única coisa que se pode fazer é repetir um conhecimento já cristalizado, o lugar comum, o conceito estereotipado, o pré-conceito” (BOURDIEU *apud* MACHADO, 2000: 27).

Entretanto, Machado rebate as críticas de Bourdieu, com a alegação de que as pessoas não são impossibilitadas de agir e pensar ao mesmo tempo. O público, segundo o autor, não é um agente passivo. O telespectador é capaz de formar opinião,

independentemente da maneira como o fato é veiculado. Se a notícia ao vivo fosse tão avessa ao pensamento crítico, agentes autoritários, por exemplo, não a temeriam.

Um episódio que o autor destaca é o período da ditadura militar brasileira (1964-1985), quando a censura proibiu a difusão ao vivo – com exceção de alguns casos, como jogos esportivos. No período de abertura política, a transmissão ao vivo também era vetada quando parecia ser mais problemática. Foi o caso da votação, pelo Congresso Nacional, da emenda que propunha o restabelecimento das eleições diretas no Brasil, em abril de 1984. O governo federal proibiu que as emissoras veiculassem o fato em tempo real.

Já a votação, também no Congresso, em 1992, do *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, foi comunicada em tempo presente. No período, o político foi destituído do cargo.

“Como pode a transmissão ao vivo ser tão nociva aos olhos dos intelectuais e, ao mesmo tempo, tão perigosa aos olhos das autoridades, dos censores e guardiões das mídias?” – questiona Arlindo Machado. Para o professor, a transmissão simultânea dificulta a manipulação do conteúdo por parte dos envolvidos no conflito, dos jornalistas e até mesmo das emissoras de televisão (MACHADO, 2000: 129). Por outro lado, é necessário levar em consideração que notícias erradas e preconceitos acabam veiculados em função da pressa dos profissionais e das empresas de comunicação. O mercado estimula a agilidade, mas o compromisso com a apuração precisa estar acima das exigências de velocidade.

2.3.3 Mídia e violência

Violência, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) é “uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

No Brasil, cerca de cinquenta mil pessoas são assassinadas a cada ano. O índice elevado coloca o país entre os mais violentos do mundo (RAMOS e PAIVA, 2007: 12). Mas os

assassinatos nem sempre foram objetos de preocupação da mídia brasileira e até mesmo da sociedade. Isso porque a maioria das vítimas é jovem, negro e morador de periferias. Com a chegada da violência nas classes média e alta, o crime passou a ter mais destaque.

As empresas notaram uma vantagem na divulgação desses temas: os assassinatos, roubos e demais tipos de mazelas da sociedade poderiam ser lucrativos. Por outro lado, a mídia tem importante papel na divulgação de assuntos relacionados à violência. Isso porque os agentes públicos muitas vezes são pautados pelos veículos de comunicação. Quando as notícias têm grande repercussão midiática, as polícias e os governantes costumam solucionar os problemas mais rapidamente para evitar críticas.

A mídia tem desempenhado um papel cada vez mais importante no debate público sobre o tema. Os jornais influenciam a opinião da sociedade e motivam e fiscalizam a implantação de políticas de Estado. (RAMOS e PAIVA, 2007: 13)

Outro aspecto que precisa ser destacado é que os profissionais que cobrem polícia nem sempre são qualificados para tais funções. Ainda assim, o jornalista Luarlindo Ernesto Silva avalia que esse tipo de cobertura jornalística evoluiu com o passar dos anos:

A abordagem dos assuntos mudou muito. Hoje a ordem é ‘esqueçam o cadáver’ [...] Mostrem o que está em volta [...] do cadáver, isso é que é importante atualmente. As histórias inventadas eram muitas. Não tinha esse negócio de ética na imprensa [...] Tinha muita cumplicidade com a polícia. Isso hoje mudou muito. Tem que ter fontes na polícia, mas tem que checar. (SILVA *apud* RAMOS e PAIVA, 2007: 16)

Os esforços da imprensa para melhorar a cobertura policial precisam continuar. Deve haver mais preocupação com a diversidade de fontes – uma vez que a polícia costuma ser a única ouvida pelo profissional –, os personagens do fato devem ser tratados com mais

respeito, independentemente de terem cometido crimes ou não e os repórteres carecem de mais especialização sobre o tema violência e ética, para evitarem os erros e preconceitos vistos com frequência nas reportagens. Além disso, os conteúdos devem ser mais contextualizados, é preciso deixar de tratar os temas como se eles fossem individuais.

2.3.4 Sequestros: publicar ou não?

Com o aumento no número de sequestros no Brasil, os veículos de comunicação entraram num dilema. Divulgar ou não informações sobre esse tipo de crime? Interferir ou não nas negociações da polícia? Alguns veículos de comunicação não veiculam informações sobre sequestros quando o caso ainda está em andamento, preferem aguardar o desfecho do crime para informar o público. A justificativa é de que a divulgação do fato pode atrapalhar as investigações e colocar a vida das pessoas em situação de cárcere em risco. Por outro lado, algumas empresas alegam que omitir tais informações favorece a ação criminosa. O diretor da Central Globo de Comunicação, Luis Erlanger, explica porque a emissora decidiu noticiar os casos:

Adotamos a norma de divulgar por uma série de razões: é um crime público, e a sociedade tem o direito de saber; somente com a denúncia dos sequestros as autoridades tomam providências [...] A maior parte dos casos é resolvida pelo Disque-Denúncia, estimulado pelas reportagens de televisão. (ERLANGER *apud* RAMOS e PAIVA, 2007: 120)

A revista *Época* também divulga os casos de sequestro. O diretor de redação Paulo Moreira Leite justifica que a mobilização da imprensa contribui com o trabalho da polícia. “Um levantamento do Disque-Denúncia, serviço de informantes anônimos do Rio de Janeiro, diz que a imprensa ajudou a resolver mais de 60% dos casos que passaram por ali” (LEITE *apud* RAMOS e PAIVA, 2007: 122).

O assunto é complexo e deve ser avaliado caso a caso. A mídia pode interferir no desfecho do crime tanto de forma positiva como negativa. Em 1998, o apresentador Ratinho, do SBT, decidiu criar uma linha telefônica para arrecadar dinheiro para o resgate de

Wellington José Camargo, irmão dos cantores sertanejos Zezé di Camargo e Luciano, que tinha sido sequestrado. Irritados com a repercussão, os sequestradores enviaram uma caixa à emissora do SBT em Goiânia, com um pedaço da orelha da vítima junto de um bilhete que pedia agilidade nas negociações. Ratinho decidiu, então, abandonar a ocorrência. Quatro dias depois, um pacote com reportagens sobre o caso e outro recado foi deixado em frente à sede do Grupo Anti-Sequestro de Goiás.

Em 2008, a apresentadora da rede TV Sônia Abrão também causou polêmica quando entrevistou ao vivo Lindemberg Alves enquanto ele mantinha a ex-namorada Eloá Pimentel em cárcere privado. O sequestro durou quase cem horas e acabou com a morte de Eloá.

O apresentador da TV Bandeirantes José Luiz Datena, também negociou ao vivo a liberação de duas mulheres que eram mantidas reféns em Diadema (região metropolitana de São Paulo), em novembro de 2012. Datena – que criticou a interferência de Sônia Abrão no sequestro de Eloá – disse que só agiu no caso porque foi um pedido da própria polícia de São Paulo. “Não é uma atitude que se deve tomar, jornalisticamente falando. A polícia tem sempre bons negociadores, tem sempre gente capaz” (José Luiz Datena, 2012). Depois de conseguir “liberar” as reféns, Datena deixou o estúdio. Disse que não tinha mais condição de continuar no programa *Brasil Urgente* naquele dia. Por telefone, o comandante da polícia que atuou no caso agradeceu a participação do apresentador.

Quando a vida de uma pessoa está em risco, os jornalistas deveriam não interferir no caso, cabe à polícia a função de negociadora. O simples fato de veicular as informações, por exemplo, já é capaz de influenciar no desfecho do sequestro. Os profissionais de imprensa deveriam tomar uma “terceira via”: “Noticiar o essencial, sem alarde, e então aguardar a conclusão do caso” (DINES *apud* RAMOS e PAIVA, 2007: 126).

3. Metodologia e Universo Pesquisado

Nesta pesquisa será feita a análise do caso do Ônibus 174, a partir dos conteúdos que foram veiculados em duas emissoras de televisão brasileiras, a rede Globo e a rede Bandeirantes. As demais não entraram no trabalho pela limitação de material. O SBT, por exemplo, informou que não tinha disponíveis as matérias sobre o caso. A rede Record alegou que não poderia enviar as imagens pelos Correios. Elas teriam que ser estudadas na emissora, que fica no Rio de Janeiro (o que não foi possível por causa da limitação de tempo).

Somente materiais jornalísticos entrarão na análise – programas de entretenimento, por exemplo, não vão ser utilizados. As notícias do dia do sequestro e dos seis dias seguintes entram na pesquisa, as demais informações foram desprezadas. Com o objetivo de recortar ainda mais o material de estudo, apenas notícias de veiculação nacional foram escolhidas para a análise. Em relação à rede Globo, somente o *Jornal Nacional* e *Fantástico* vão entrar no estudo, já que a emissora cobrou um valor muito alto para disponibilizar as matérias. Por causa disso, foi necessário restringir o material. De qualquer forma, as limitações encontradas não devem interferir no resultado do trabalho.

3.1 Televisão por quê?

A televisão foi escolhida para ser analisada pela abrangência que possui. No Brasil, há quase 14 milhões de analfabetos, segundo dados do Censo de 2010. Para uma grande parcela de brasileiros, a informação é obtida no rádio ou na TV, uma vez que a leitura ainda é fator de exclusão. A notícia impressa, por exemplo, exige um conhecimento mínimo da língua para que a mensagem seja compreendida.

De acordo com o Grupo de Mídia de São Paulo, com base em pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1970, 24,1% dos domicílios do Brasil tinham aparelho de televisão. Em 2012, o índice chegou a 95%.

Ao todo, existem 410 emissoras comerciais no país. Isso sem levar em consideração as operadoras de canais por assinatura. A Rede Globo é uma das maiores televisões privadas do mundo (BUCCI, 1996: 14). São 122 emissoras em todo o Brasil, segundo dados de 2012, do Grupo de Mídia de São Paulo.

3.2 Análise de Conteúdo

Análise de conteúdo é uma metodologia que permite realizar inferências sistemáticas de materiais impressos ou gravados (como livros, cartas, jornais, revistas, vídeos, filmes, reportagens etc.) a partir do exame de símbolos de comunicação. O método é muito utilizado nas disciplinas das ciências sociais e, segundo a autora Heloiza Herscovitz (2008), também traz vantagens na investigação de materiais jornalísticos. A metodologia utiliza elementos qualitativos associados a procedimentos quantitativos. Devido ao caráter quantitativo, a avaliação é passível de replicações, o que permite realizar o estudo sobre a perspectiva do paradigma hipotético dedutivo.

A análise de conteúdo da mídia [...] nos ajuda a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens. (SHOEMAKER; REESE apud HERSCOVITZ, 2008: 124)

O método parte do estabelecimento de símbolos e de definições operacionais. A partir da conceituação objetiva dos símbolos, é empregado o procedimento de catalogação e discriminação dos elementos ao longo do objeto de registro que será estudado. As identificações podem ser feitas a partir de uso de computadores, o que admite abarcar uma grande massa de conteúdo. Os componentes do registro catalogados são tratados numericamente, o que permite estabelecer o processo de contagem de símbolos e realizar

tratamento estatístico. Assim, é possível apresentar mensurações sobre as características do conteúdo em análise.

Em função do grande volume de materiais vinculados diariamente na mídia, a aplicação das técnicas de análise de conteúdo tem grande importância para as pesquisas científicas em jornalismo. Por meio delas é possível detectar critérios de noticiabilidade, enquadramento e agendamento, por exemplo. Além disso, o modelo permite discriminar gêneros e formatos jornalísticos de organizações, grupos, classes e indivíduos (HERSCOVITZ, 2008).

3.3 Como mensurar?

Para responder se o caso do sequestro do Ônibus 174 foi espetacularizado ou não, serão utilizadas as ideias do jornalista Adelmo Genro Filho, explícitas no capítulo IX do livro *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo*. Segundo o autor, quando a notícia é tratada demasiadamente de forma singular, mais sensacionalista tende a ser. Quanto menos camadas de contextualização que consigam explicar o fato tratado jornalisticamente, menos profundidade será alcançada, mais superficial a abordagem (portanto, causadora de sensações, não de explicações). Ou seja, Genro Filho defende que haja uma pirâmide equilibrada em três pontos: singularidade, particularidade, universalidade. É desse equilíbrio que decorre um jornalismo mais consistente e bem feito.

Ao todo, serão analisadas sete notícias da rede Globo e seis da rede Bandeirantes. Além de responder à questão central do estudo, a análise vai abordar assuntos relacionados as fontes ouvidas nas matérias, linguagem utilizada e, por fim, será possível dizer como o assunto entrou na pauta da mídia, como a imprensa pautou a sociedade e os agentes públicos a partir da cobertura do fato e se a exposição do caso interferiu de alguma maneira no desfecho do crime. A tabela abaixo mostra como as matérias ficaram organizadas.

	Identificação	Emissora	Dia	Tempo
Matéria 1	Jardim Botânico no Rio	Globo	12/06/2000	1min 4seg.
Matéria 2	Sequestro do ônibus2	Globo	12/06/2000	1min 39seg.
Matéria 3	Libertação dos reféns	Globo	12/06/2000	1min 26seg
Matéria 4	Polícia admite	Globo	13/06/2000	2min 44seg
Matéria 5	Repercussão em Brasília	Globo	13/06/2000	1min 50seg.
Matéria 6	Drama vivido	Globo	13/06/2000	3min 56seg.
Matéria 7	Erros da polícia	Globo	18/06/2000	4min 43 seg.
Matéria 8	Sequestro do ônibus 174	Bandeirantes	12/06/2000	2min 17 seg.
Matéria 9	Coletiva de imprensa	Bandeirantes	12/06/2000	1min 26 seg.
Matéria 10	Soldado	Bandeirantes	13/06/2000	1min 30 seg.
Matéria 11	Repercussão	Bandeirantes	14/06/2000	2min 03 seg.
Matéria 12	Vítimas do sequestro	Bandeirantes	15/06/2000	2min 30 seg.
Matéria 13	Parentes de Geísa	Bandeirantes	16/06/2000	1min 50 seg.

Para analisar a cobertura jornalística do sequestro do Ônibus 174, um questionário foi adaptado (ver anexo). O modelo original foi organizado para o relatório *Mídia e violência*, publicado em 2005 pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec). Para esta pesquisa, oito perguntas serão respondidas e, a partir disso, planilhas confeccionadas para consolidação dos dados e análises.

Mas o sequestro do Ônibus 174 já não é um tema “batido” nas pesquisas sobre mídia? – pode-se questionar. De fato, existem vários trabalhos acadêmicos sobre o assunto, mas nem por isso as questões se esgotaram e foram totalmente respondidas. Também não há aqui a pretensão de respondê-las de forma completa e “verdadeira”, o que seria uma tentativa no mínimo utópica.

Por que falar em ética na cobertura jornalística? Por que analisar a mídia? A escolha pelo tema não é recente – eu diria. Ela surgiu antes mesmo de eu optar pelo curso de

jornalismo. O que estava por trás das notícias; quais os critérios utilizados para transformar um fato em notícia; os critérios éticos eram levados em consideração? Questões como essas surgiram no decorrer do curso e ainda continuam sendo feitas na reta final na minha graduação.

O jornalismo parece ser “um” na universidade e “outro” no mercado. Por isso, acredito que essas questões não podem ser esgotadas em teorias, muito menos na prática. É preciso avaliar caso a caso, a partir das limitações editoriais das empresas jornalísticas, da falta de tempo, das relações com as fontes das notícias etc. Independentemente dos entraves que os profissionais enfrentam, acredito que as questões éticas deveriam ser levadas em consideração na construção da notícia – que é um bem essencial para sociedade. Sem mais delongas, sigo para a análise do caso.

4. Análise e resultado

4.1 Presença da mídia

No início do sequestro, Sandro ficou assustado com a presença das equipes de reportagem. Em pouco tempo, várias empresas estavam no local com equipes de repórteres, câmeras, fotógrafos. Os profissionais ficaram muito próximos do ônibus para conseguirem boas imagens. Sandro cobriu o rosto, chegou a ficar irritado com a situação. Com o passar do tempo, percebeu que seria difícil sair do ônibus sem que fosse preso ou morto. Percebeu que já não tinha mais nada a perder. Decidiu então contar um pouco da história que tinha vivido.

Sandro tirou o pano do rosto e disse voltado para as câmeras, que tinha sido um sobrevivente da chacina da Candelária, que os policiais eram covardes. Percebeu que tinha ali, através da televisão, uma possibilidade de mostrar quem era, de mostrar a identidade de um menino de rua, como avaliou o sociólogo Luiz Eduardo Soares:

Ali o Sandro despertou a todos nós, em todas as nossas salas de visita. Ele impôs a sua visibilidade, ele era personagem de uma outra narrativa, ele redefiniu, de alguma maneira, o relato social, o relato que dava a ele sempre a posição subalterna, de repente é convertido numa narrativa na qual ele é o protagonista. (Soares *apud* José Padilha, 2002)

O sequestrador tentou estabelecer um diálogo paralelo. Para os policiais e para mídia, parecia ser um bandido violento, disposto a matar todas as reféns, mas para as vítimas, chegou a estabelecer um diálogo. Sandro era o protagonista do teatro. Mandava as mulheres fingirem que estavam desesperadas, fingiu que matou uma jovem. A mídia transmitia as imagens ao vivo. Mas, mesmo muito próximos ao ônibus, os repórteres e policiais não sabiam de fato o que acontecia do lado de dentro. Luana Guimarães entendeu o jogo de Sandro: “Existia naturalmente um diálogo paralelo. O que estava acontecendo

para as câmeras e para as pessoas lá de fora e o que estava acontecendo lá dentro” (Guimarães *apud* José Padilha, 2002).

Mas até que ponto a mídia interferiu no caso? O policial Rodrigo Pimentel, que foi do Bope durante seis anos, avaliou que a presença das emissoras impediu a ação da polícia. Segundo ele, o ideal seria matar Sandro com um tiro na cabeça. A ação não colocaria a vida das reféns em risco.

Um tiro de *sniper* [atirador de elite] seria a solução ideal. Logicamente, era ao vivo, para todo o Brasil, iria resultar talvez ali em meio quilo de massa encefálica sendo projetada nos vidros do ônibus. Eu não gostaria de ver isso, meus parentes em casa também não gostariam de ver uma cena dessas, mas tecnicamente falando, seria o mais viável a ser feito. (Pimentel *apud* José Padilha, 2002)

Mas se a mídia atrapalhou de alguma forma o trabalho da polícia, por outro lado mostrou para os espectadores a fragilidade da segurança pública. Os repórteres notaram que faltava treinamento aos policiais e perceberam que os PMs se comunicavam através de mímicas – porque sequer tinham rádios. O capitão Penteado precisava fazer sinais para as equipes. As câmeras também mostraram o momento em que o policial errou o tiro e acertou a vítima, e os policiais asfixiando Sandro.

4.2 Principal foco da notícia

Das 13 matérias analisadas nesta pesquisa, dez tinham como foco principal o sequestro e a repercussão do crime. Apenas duas notícias trataram de questões relacionadas à segurança pública. No decorrer de uma semana, as matérias lembraram o caso, cobraram providências da polícia militar, principalmente, e as vítimas foram procuradas para contar novamente os momentos de pânico que viveram no dia do sequestro. Plínio Fraga,

chefe de reportagem da sucursal da *Folha de S. Paulo*, defende que as matérias policiais deveriam ser mais contextualizadas:

É preciso pensar sempre a longo prazo, com matérias que fujam do fato, do que aconteceu ontem, e em seu lugar apontar tendências. Este é o papel do jornal. Estar mais perto da reflexão, mostrar um direcionamento e cobrar de governos. E é isso que os jornais ainda fazem pouco na área da segurança pública. (FRAGA *apud* RAMOS e PAIVA, 2007: 20)

Quase uma semana depois do crime, a Globo produziu uma reportagem que foi exibida no *Fantástico*, para levantar as falhas que os policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) cometeram. Um policial que tinha trabalhado no Bope foi chamado para comentar os sucessivos erros que resultavam na morte da professora Geísa. Durante uma semana, esse foi o único “especialista” procurado pela rede Globo para comentar o caso.

A matéria não tinha o objetivo de apontar os problemas e possíveis soluções para segurança pública, tampouco tinha pretensão de questionar os motivos que levaram ao sequestro. O trabalho da polícia, de forma individualizada, era o grande questionamento. Por que Sandro não foi morto? Por que a polícia não invadiu o ônibus? – perguntaram os apresentadores do programa e o repórter. Ao final da reportagem o policial disse que o sequestrador deveria ter sido alvejado. Segundo ele, essa seria a melhor alternativa. A reportagem, no entanto, não chegou a falar que a presença da mídia, de alguma forma, poderia ter interferido no trabalho da polícia.

Teria sido a mesma coisa se a televisão não estivesse ali, transmitindo tudo ao vivo? [...] Será que a performance dele e a do soldado que acabou produzindo o desfecho da desgraça [...] Teriam sido as mesmas se a televisão não estivesse ali, transmitindo toda a tensão por horas a fio? (KEHL, 2003: 139)

De maneira geral, a mídia perdeu uma boa oportunidade de cobrar dos governantes soluções para o problema da segurança pública. A preocupação central foi a de relatar o caso, inúmeras vezes, com riqueza de detalhes, inclusive.

A seguir, tabelas com a consolidação dos dados (ver anexo) foram acrescentadas para facilitar a leitura da análise realizada neste trabalho. A primeira delas é referente ao principal foco da matéria.

Tabela 1: Principal foco da matéria

	TV Globo	TV Bandeirantes	Total
Ato violento	3	1	4
Repercussão do ato violento	2	4	6
Políticas de segurança pública	1	1	2
Outras	1	0	1
Total	7	6	13

4.2.1 Enquadramento da notícia

Parte significativa da cobertura sobre o sequestro do ônibus 174 tratou o tema de forma individual, sem contextualizar o assunto. Os veículos optaram por uma cobertura factual em 69% dos casos (nove das 13 matérias foram factuais). Na rede Globo, apenas uma matéria questionou o problema da falta de segurança. Em Brasília, a repórter Cristina Serra acompanhou a repercussão do caso no Congresso Nacional.

A Bandeirantes veiculou duas matérias que contextualizam o assunto. Uma delas tratava da repercussão do caso na imprensa internacional e avaliação do presidente da república sobre o sequestro, a outra apontava as causas da violência. A partir do caso, a mídia poderia cobrar mais providências do poder público e propor um debate mais aprofundado sobre o problema da violência. A principal preocupação, no entanto, foi a de

contar as histórias e dramas individuais de cada passageiro que ficou refém dentro do ônibus. A tabela dois mostra o resultado da análise em relação ao enquadramento da notícia. A grande maioria das matérias foi tratada de forma individualizada – como se fosse um acontecimento único, individual.

Tabela 2: Enquadramento da notícia

	TV Globo	TV Bandeirantes	Total
Individualizado	5	4	9
De poder público	1	0	1
Da sociedade civil	0	2	2
Conceitual	1	0	1
Total	7	6	13

Outro ponto que chamou atenção foi o fato da rede Globo não mencionar em nenhum momento a história do sequestrador. A Bandeirantes contextualizou melhor o crime. Em uma das notícias a repórter da emissora procurou as pessoas que conheciam Sandro. A matéria, embora curta, conseguiu traçar o perfil psicológico do rapaz. Além disso, foi possível apontar as causas do sequestro. Nos trechos das entrevistas a repórter destacou, de forma implícita, que a ausência do Estado e a falta de políticas públicas levaram Sandro ao crime.

4.2.2 Fontes ou personagens ouvidos nas matérias

Foram poucas as fontes ou personagens ouvidas nas matérias. A Globo foi a emissora que teve a cobertura menos diversificada. Na maioria das informações, apenas as vítimas e/ou os parentes ou amigos das vítimas foram ouvidas. Em algumas matérias da Globo não havia nenhum personagem, apenas o relato do repórter. Já a Bandeirantes ouviu quase o dobro de fontes/personagens que a Globo.

Ao todo, 22 pessoas foram ouvidas durante as duas semanas. Apenas quatro delas eram representantes dos poderes executivo e legislativo, o que demonstra, mais uma vez, que o assunto foi tratado de forma individual, sem contextualização.

Apenas 13% das matérias tiveram sonoras de representantes da polícia militar (três matérias do total de 22). A Bandeirantes foi a emissora que mais ouviu as polícias civil e militar. Os repórteres da Bandeirantes utilizaram as informações de maneira crítica, mostraram as contradições dos policiais, não tomaram os relatos como se fossem verdade absoluta. A tabela a seguir mostra o número de fontes ou personagens (por categoria) ouvidas nas matérias, e a média de cada uma das emissoras.

Tabela 3: Fontes ou personagens ouvidos nas matérias

	TV Globo	TV Bandeirantes	Total
Poder executivo federal	1	1	2
Poder executivo estadual	0	1	1
Poder legislativo	1	0	1
Vítimas	2	2	4
Parentes	1	2	3
Especialistas	1	0	1
Advogados	0	1	1
Polícia militar	1	2	3
Polícia civil	0	1	1
Sociedade civil	0	1	1
Matéria sem personagem	2	0	2
Outros	0	2	2
Total	9	13	22
Média	1,29	2,17	1,69

A rede Bandeirantes também ouviu o “outro lado da história”, ou seja, os amigos do autor do sequestro. Para contar a história de Sandro, a repórter conversou uma assistente social que conviveu com Sandro e com uma garota que foi namorada do jovem.

Tabela 4: Quantidade de fontes/personagens

A matéria tem mais de uma fonte		
	Sim	Não
TV Globo	3	2
TV Bandeirantes	6	0
Total	9	2

Das 13 matérias analisadas, nove tinham mais de uma fonte/personagem. A Globo só ouviu mais de uma pessoa em apenas três ocasiões.

4.2.3 Causas da violência e soluções

A rede Globo não apresentou possíveis causas do sequestro em nenhuma das matérias veiculadas. O fato de Sandro ter sido morador de rua também não foi mencionado em nenhum momento. Já a Bandeirantes falou sobre a vida de Sandro e, de forma implícita, demonstrou que a ausência do Estado foi o que levou o jovem a marginalidade. A sonora da assistente social Yvonne Bezerra de Mello deixa claro que Sandro praticava crimes porque não teve acesso à educação, muito menos teve chance de ingressar no mercado de trabalho. Na entrevista Yvonne faz um alerta, diz que no Brasil há milhares de jovens ociosos que podem fazer o mesmo que Sandro por falta de opção.

O mérito da reportagem não é justificar ou não um crime, é mostrar que os agentes públicos não estão cumprindo com obrigações básicas, como saúde e educação, por exemplo. Outro ponto destacado na matéria da repórter Mônica Ferreira é que Sandro foi um dos sobreviventes da chacina da Candelária, o que ajuda a entender a revolta do jovem em relação à polícia. Durante sete dias, a rede Globo não entrou em nenhum desses assuntos, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 5: Causas do sequestro

A matéria aponta causas que podem ter levado ao sequestro		
	Sim	Não
TV Globo	0	7
TV Bandeirantes	2	4
Total	2	11

A rede Bandeirantes também se destacou em relação às soluções apresentadas (de maneira implícita ou não) para o problema da segurança pública. 50% das matérias veiculadas pela emissora apresentavam soluções, ainda que muitas vezes de forma

superficial (três matérias apontaram soluções, três não). Já a rede Globo questionou o problema da violência em apenas uma matéria – com a repercussão do caso no Congresso Nacional.

Tabela 6: Soluções para violência

A matéria aponta soluções para o problema da violência?		
	Sim	Não
TV Globo	1	6
TV Bandeirantes	3	3
Total	4	9

4.2.4 Dramatização da notícia

O fato de haver reféns no crime já é um fator que potencializa a dramatização da notícia, mas o que foi possível perceber, após a análise, é que os jornalistas optaram por utilizar palavras e trilha sonora que deixaram o caso ainda mais espetacular. Quase todas as matérias das duas emissoras utilizaram recursos capazes de deixar as notícias mais dramáticas e, por consequência, mais rentáveis do ponto de vista econômico. O *Fantástico* foi o que mais se destacou neste quesito. Uma trilha sonora extremamente melancólica foi utilizada em quase toda reportagem.

Palavras como: terror, medo e pânico, poderiam ter sido substituídas sem prejuízo à informação, no entanto, repórteres e âncoras preferiram utilizá-las.

Tabela 7: Notícia dramatizada

A matéria tem palavras que dramatizam a informação?		
	Sim	Não
TV Globo	6	1
TV Bandeirantes	5	1
Total	11	2

4.2.5 Erros

Outro fator que chamou atenção após a análise foi as notícias erradas que as duas emissoras veicularam. Talvez para dramatizar ainda mais o caso, a rede Globo informou diversas vezes que a professora Geísa estava grávida. Um repórter, inclusive, procurou uma amiga da professora para confirmar a informação. Na matéria dá para perceber que a mulher não estava muito disposta a dar entrevista, mesmo assim o repórter utilizou um pequeno trecho em que a personagem dizia que Geísa estava só esperando confirmar a gravidez para comunicar ao marido – ou seja, Geísa não tinha certeza que estava grávida. Mesmo assim o *Jornal Nacional* preferiu dizer que a vítima estava esperando um filho. A rede Globo veiculou a informação errada três vezes. O dado só foi corrigido na sexta matéria que foi ao ar no *Jornal Nacional*. A Bandeirantes não chegou a dizer que Geísa estava grávida.

Por causa da pressa em dar as informações, as duas emissoras também erraram. No dia do sequestro a Globo disse que Sandro tinha morrido depois de levar dois tiros. Somente no dia seguinte o *Jornal Nacional* informou que na verdade Sandro tinha morrido asfixiado dentro da viatura da Polícia Militar. O jornal disse ainda que Geísa morreu depois de levar dois tiros no abdômen e outro na mão. O laudo da perícia, no entanto, revelou que Geísa tinha sido atingida três vezes no abdômen (munição da arma de Sandro), além de levar um tiro de raspão no rosto (munição da arma do policial).

No dia do sequestro a Bandeirantes também informou que Sandro tinha levado três tiros nas costas. No dia seguinte o jornal corrigiu a informação e disse que na verdade o sequestrador não tinha sido baleado: “Nesta imagem é possível ver o sequestrador Sandro do Nascimento entrando com vida dentro do carro da polícia. Hoje, se sabe que ele não levou nenhum tiro, e o mais grave: morreu por asfixia a caminho do hospital” (matéria 10 da Bandeirantes – ver anexo). Os erros foram corrigidos pelas emissoras. Eles são justificáveis quando o fator tempo é levado em consideração. Além disso, informações preliminares das polícias, bombeiros e hospitais costumam mudar, já que o “tempo da mídia” não é o mesmo das demais instituições. Um laudo pericial que apontava as causas da morte de Geísa, por

exemplo, não teria como ser concluído antes do fechamento do *Jornal Nacional* daquela segunda-feira, 20 de junho de 2000.

4.2.6 Agendamento do caso

A pauta do sequestro do Ônibus 174 foi inserida na mídia a partir principalmente das questões individuais, que, por consequência, voltaram a ser tema por meio de iniciativa da própria imprensa, com a repercussão do caso. A tabela abaixo mostra que cinco das 13 matérias foram pautadas por histórias individuais, pelo ato criminoso.

Tabela 8: Agendamento da notícia

	Como o assunto foi inserido na pauta da mídia		
	TV Globo	TV Bandeirantes	Total
Anúncio de novas medidas	1	0	1
Histórias Individuais	5	0	5
Iniciativa da própria imprensa	1	5	6
Seminários e eventos	0	1	1

Por outro lado, a mídia pautou agentes públicos e as polícias civil e militar com a grande repercussão do caso. No Congresso Nacional os políticos comentaram o assunto e disseram que o governo deveria tomar alguma providência. O então presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, decidiu apressar o anúncio do Plano Nacional de Segurança Pública. O caso também teve grande repercussão na Polícia Militar e no poder executivo do Rio de Janeiro, que tiveram que justificar o trágico desfecho do sequestro, com a morte de uma refém e do sequestrador.

Conclusão

A cobertura do sequestro do Ônibus 174, em 2000, no Rio de Janeiro, foi espetacularizada. A Globo e Bandeirantes veicularam, na maioria das vezes, informações fragmentadas e individuais. A contextualização do fato, as causas que motivaram o sequestro e os problemas relacionados à falta de segurança pública do estado do Rio de Janeiro, e até mesmo do país, foram deixados de lado. Ainda assim, a rede Bandeirantes foi a que mais contextualizou a notícia. Os repórteres da emissora tiveram mais preocupação em diversificar as fontes de informação e questionaram com mais rigor as questões relacionadas à segurança pública.

A Globo não teve a preocupação de discutir a questão da violência de forma ampla. Limitou-se a contar as histórias das vítimas do sequestro. Tratou ainda os personagens como “santos e vilões”. Omitiu a história de Sandro e tentou confirmar, a qualquer custo, que Geísa estava grávida – o que tornaria a situação ainda mais dramática.

Se algumas empresas de comunicação alegam que os sequestros precisam ser divulgados, já que a informação é de interesse público, elas deveriam no mínimo sugerir uma discussão mais aprofundada e menos individual – muitas vezes preconceituosas e dramáticas. Mas os jornalistas e as empresas de comunicação utilizam-se de uma “moral provisória” para justificar as escolhas moralmente contestáveis.

No caso do Ônibus 174, a imprensa interferiu no trabalho da Polícia Militar. Com a presença da mídia, a preocupação não era apenas a de libertar os reféns, os policiais e o governo do estado estavam preocupados com a repercussão do sequestro transmitido em tempo real. Por isso, deixaram de tomar atitudes que consideram ideias para resolução do caso.

Por outro lado, a imprensa conseguiu flagrar a precariedade da segurança pública. As câmeras captaram a falta de preparo dos policiais do Rio de Janeiro e a ausência de equipamentos básicos, como rádio de comunicação. Mostraram também o momento em que o policial errou o alvo e acertou a refém e a entrada do sequestrador na viatura da

polícia sem nenhum ferimento. Nesses casos, a imprensa foi importante para mostrar a ineficácia da segurança pública e impedir possíveis abusos, já que a polícia chegou a dizer que Sandro tinha morrido baleado – informação que foi desmentida posteriormente. Se os cinegrafistas não tivessem flagrado o sequestrador sem ferimentos, a polícia poderia insistir na mentira.

Nos casos de sequestro, o ideal seria seguir a sugestão do jornalista Alberto Dines: divulgar apenas o essencial. As demais informações deveriam ser veiculadas somente após a liberação dos reféns. Desta forma os profissionais da imprensa não tratariam do “imprevisível” e teriam mais tempo para decidir o material que seria utilizado ou não. Mas a partir do momento em que a mídia decide transmitir o fato, o mínimo esperado seria que a discussão fosse mais aprofundada, o que não foi observado nesta pesquisa. O principal objetivo das notícias foi transmitir dramas pessoais.

Referências bibliográficas

BLÁZQUEZ, Niceto. **Ética e meios de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1999.

BUCCI, Eugênio (org.). **O Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1996.

_____. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **A TV aos 50: Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

COELHO, Cláudio; CASTRO, Valdir (Org.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HERSCOVITZ, Heloiza. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KEHL, Maria Rita. In: BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50: Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MARQUES, Fábio Cardoso. In: COELHO, Cláudio; CASTRO, Valdir (Org.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

PATIAS, Jaime Carlos. In: COELHO, Cláudio; CASTRO, Valdir (Org.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012.

Filmografia

ÔNIBUS 174. Direção de José Padilha. Rio de Janeiro: Riofilmes, 2002. 1 DVD (133 min).

DATENA negocia com sequestrador ao vivo. José Luiz Datena, 2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=6oB2mBE60Jo>> Acesso em 30 de dezembro de 2012.

Arquivos on-line

BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas: O fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Jean%20baudrillard-1.pdf>>. Acessado em 26 de novembro de 2012.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987. Disponível em <<http://www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm>>. Acessado em 14 de novembro de 2012.

GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO. **Mídia Dados 2012**. Disponível em <<http://www.gm.org.br/page/midia-dados>>. Acessado em 27 de outubro 2012.

JORGE, Thaís Mendonça. **A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa**. UNIrevista, vol. 1, 2006. Disponível em <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Jorge.pdf>. Acessado em 30 de novembro de 2012.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica do jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1981. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/86086584/Nilson-Lage-Ideologia-e-Tecnica-da-Noticia>>. Acessado em 12 de novembro de 2012.

RAMOS, Silvia e PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: Como os jornais retratam a violência e segurança pública no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. Disponível em <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.coav.org.br%2Fpublique%2Fmedia%2FRelat%25C3%25B3rio%2520M%25C3%25ADdia%2520e%2520Viol%25C3%25AAncia%2520CESEC.doc&ei=w2LCUOWKEKSX0QHJ8oGgDg&usg=AFQjCNFPybTcv5wuuglbFJvhsYrPwGYMTw&sig2=xn0vtfX7glrngEF9IGgv9g>>. Acessado em 7 de novembro de 2012.

_____. **Mídia e Violência: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. Disponível em <http://www.rolim.com.br/2002/_pdfs/livromidiaviolencia.pdf>. Acessado em 7 de novembro de 2012.

Anexo

Questionário para análise da cobertura midiática no sequestro do Ônibus 174

MATÉRIA 1

Chamada - Fátima Bernardes: Boa noite. Desespero e morte na Zona Sul do Rio de Janeiro. Um homem armado sequestrou um ônibus no bairro do Jardim Botânico.

OFF 1: O drama dos passageiros deste ônibus começou pouco antes das três horas da tarde. Um assaltante armado com revólver ameaça quem chega por perto.

Sobe Som

Ele não se entrega, apesar dos apelos da polícia que cercou o ônibus. Agarrado com uma passageira, o assaltante aponta a arma para todos os lados.

Passagem: O assaltante agora tá tentando sair com o ônibus, com a vítima no colo dele.

OFF 2: O criminoso ainda obriga um passageiro a ajudá-lo, mas os dois não conseguem fazer o ônibus andar. Nervoso, ele segura a mulher e atira em direção aos policiais.

Sobe Som

Ele continua ameaçando os reféns. Uma das vítimas é forçada a escrever com batom no vidro do ônibus que o assaltante está possuído pelo diabo. Só depois de uma hora o primeiro refém é libertado, mas a negociação não avança. O bandido quer duas granadas e duas pistolas. A polícia não cede. Ele solta mais uma passageira. Pouco antes das seis horas, o assaltante atira para o chão.

Sobe Som

Identificação do material:

Nome da matéria: Sequestro do ônibus 174 no Jardim Botânico no Rio

Dia que foi veiculado: 12/06/2000

Tempo da matéria: 1min 4seg.

Emissora: Globo

Programa: Jornal Nacional

Repórter: Eduardo Tchao

Observações: matéria com passagem, mas sem sonora.

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☒ (X) ato violento
- ☐ () repercussão do ato violento
- ☐ () forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ () políticas de segurança pública
- ☐ () causas gerais da violência
- ☐ () soluções gerais para o problema da violência
- ☐ () Legislação
- ☐ () Direitos Humanos
- ☐ () Campanhas/Protestos
- ☐ () Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☒ (X) **Individualizado:** quando a notícia é tratada como acontecimento único, individual.
Exemplo: Jovem morre por bala perdida.

() **de poder público:** a partir das políticas estatais. Por exemplo: Governo quer retirar armas das ruas.

() **da sociedade civil:** Ao tratar o assunto pela ótica das organizações não governamentais. Exemplo: ONGs fazem campanha pelo desarmamento.

() **do setor privado:** Aspectos da segurança que envolvem a iniciativa privada. Exemplo: Segurança particular colabora para aumento das taxas de criminalidade.

() **de organismos internacionais:** Quando a notícia é construída a partir de relatórios ou pronunciamentos de órgãos internacionais. Exemplo: UNESCO responsabiliza Ministério da Educação pela violência nas escolas brasileiras.

() **Conceitual:** Quando o texto busca fazer a análise da conjuntura, levantando hipóteses, citando especialistas ou usando dados. Exemplo: Sociedade brasileira assiste a um genocídio de jovens

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|--|---------------------------------|
| () Poder executivo federal | () Vítimas |
| () Poder executivo estadual | () Parentes/amigos das vítimas |
| () Poder legislativo (todas as esferas) | () Testemunha |
| () Poder judiciário | () Especialista |
| () Conselhos tutelares e de direitos | () Sociedade Civil (ex: ONGs) |
| () Advogados | (X) Matéria sem personagem |
| () Polícia militar | |

☐ Polícia civil

☐ Outros:

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

☐ Sim

☐ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

☐ Sim

☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

☐ Sim

☒ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☒ Sim

☐ Não

Quais? Desespero, drama e apelos.

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ Anúncio de ações das polícias

☐ Demanda e ações do terceiro setor

☒ Histórias individuais

☐ Iniciativa da própria imprensa

☐ Seminários e eventos

☐ Outros:

MATÉRIA 2

Chamada - William Bonner: Os tiros aumentaram ainda mais o pânico entre os reféns que estavam dentro do ônibus.

OFF 1: Depois do tiro, o desespero. O bandido não desistiu, pegou outra refém, ameaçou atirar de novo. Pôs o revólver na boca da mulher, puxou os cabelos dela e desafiou os policiais.

Sobe som – Sandro: Seu delegado, já morreu uma. Vai morrer outra.

OFF 2: Ele não atirou, mas fez novas ameaças:

Sobe som – Sandro: Não quero saber, vai morrer essa daqui agora, na tua frente.

OFF 3: O bandido levou a refém para o fundo do ônibus e mandou que ela amarrasse um cordão no pescoço dele. O primeiro prazo dado pelo bandido acabou às seis horas, mas os policiais o convenceram a continuar negociando.

Passagem: Seis e meia. A negociação não deu resultado, o bandido foi mais uma vez para frente do ônibus junto com a refém. Ele deu um novo prazo para polícia, quer que as exigências sejam aceitas até às sete e meia da noite, se não ameaça matar todos os reféns.

OFF 4: O bandido ameaçou atirar de novo, voltou a andar pelo ônibus com a refém. Um passageiro de muletas foi retirado. A tensão aumentou. De repente o bandido abriu a porta e desceu usando a refém de escudo. Nesse momento a polícia agiu. Um PM se aproximou pelo lado e deu dois tiros no bandido. Os policiais que estavam a distância avançaram. No meio da confusão, a jovem que teria sido baleada se levantou. Estava viva. O bandido e a refém que desceu do ônibus com ele foram levados para o hospital.

Nota pé - Fátima Bernardes: A polícia informou que o bandido que sequestrou o ônibus morreu a caminho do hospital. Geísa Firmo Gonçalves, a refém que estava com ele no momento que a polícia atirou, também morreu. Segundo a direção do hospital Miguel Couto, ela levou três tiros.

Identificação do material:

Nome da matéria: Sequestro do ônibus 174 no Rio

Dia que foi veiculado: 12/06/2000

Tempo da matéria: 1min 39seg.

Emissora: Globo

Programa: Jornal Nacional

Repórter: Roberto Kovalick

Observações: matéria com passagem, mas sem sonora.

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☒ (X) ato violento
- ☐ () repercussão do ato violento
- ☐ () forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ () políticas de segurança pública
- ☐ () causas gerais da violência
- ☐ () soluções gerais para o problema da violência
- ☐ () Legislação
- ☐ () Direitos Humanos
- ☐ () Campanhas/Protestos
- ☐ () Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☒ (X) Individualizado
- ☐ () de poder público

- ☐ da sociedade civil
- ☐ do setor privado
- ☐ de organismos internacionais
- ☐ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Poder executivo federal | <input type="checkbox"/> Vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder executivo estadual | <input type="checkbox"/> Parentes/amigos das vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> Testemunha |
| <input type="checkbox"/> Poder judiciário | <input type="checkbox"/> Especialista |
| <input type="checkbox"/> Conselhos tutelares e de direitos | <input type="checkbox"/> Sociedade Civil (ex: ONGs) |
| <input type="checkbox"/> Advogados | <input checked="" type="checkbox"/> Matéria sem personagem |
| <input type="checkbox"/> Polícia militar | |
| <input type="checkbox"/> Polícia civil | |
| <input type="checkbox"/> Outros: | |

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

- ☐ Sim ☐ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

- ☐ Sim ☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

- ☐ Sim ☒ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☒ (X) Sim ☐ () Não

Quais? Pânico, desespero e desafiou

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ () Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ () Anúncio de ações das polícias

☐ () Demanda e ações do terceiro setor

☒ (X) Histórias individuais

☐ () Iniciativa da própria imprensa

☐ () Seminários e eventos

☐ () Outros:

MATÉRIA 3

Chamada - Fátima Bernardes: Foram quatro horas de medo dentro do ônibus na Zona Sul do Rio. Você vai ver agora o fim do sofrimento das mulheres que ficaram sob a ameaça do assaltante. O repórter Ari Peixoto acompanhou a libertação dos reféns.

OFF 1: Lá dentro a gente vê que alguns reféns estão se abraçando lá dentro porque foi uma experiência que a gente pode dizer muito próxima da tortura.

Sobe Som: “Paizinho, paizinho”.

OFF 2: Aí a palavra de uma das reféns, elas se abraçam agora. Foram quatro horas de muita tensão, de terror. Essas pessoas certamente passaram por uma experiência que elas jamais

vão esquecer em toda a vida. E a gente não consegue ver se a pessoa que levou o tiro, que aparentemente foi baleada, ela está dentro do ônibus, a gente não consegue. Agora a gente recebe a informação que na verdade ele tá viva... A refém que teria sido baleada pelo assaltante e sequestrador está viva. Afinal é uma grande notícia. Lá dentro do ônibus a delegada Marta Rocha também ajuda a consolar, acalmar as pessoas que passaram quatro horas de puro terror dentro do ônibus.

Sonora: Foi um horror, foi um horror, eu tive que dar o meu dinheiro pra ele, pra ele não me matar, lá no banco lá atrás. Ele dizia que ia acabar com todo mundo, que matava todo mundo.

Nota pé - William Bonner: Foram mais de quatro horas de desespero hoje no Rio com o sequestro do ônibus. Você vai rever agora, o momento que o bandido saiu do ônibus com a refém, Geísa Firmo Gonçalves. Veja de novo a cena.

Identificação do material:

Nome da matéria: Sequestro do ônibus 174 no Rio/Libertação dos reféns

Dia que foi veiculado: 12/06/2000

Tempo da matéria: 1min 26seg

Emissora: Globo

Programa: Jornal Nacional

Repórter: Ari Peixoto

Observações: matéria com sonora

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

☒ (X) ato violento

☐ () repercussão do ato violento

☐ () forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)

- ☐ políticas de segurança pública
- ☐ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos
- ☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☒ Individualizado
- ☐ de poder público
- ☐ da sociedade civil
- ☐ do setor privado
- ☐ de organismos internacionais
- ☐ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Poder executivo federal | <input checked="" type="checkbox"/> Vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder executivo estadual | <input type="checkbox"/> Parentes/amigos das vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> Testemunha |
| <input type="checkbox"/> Poder judiciário | <input type="checkbox"/> Especialista |
| <input type="checkbox"/> Conselhos tutelares e de direitos | <input type="checkbox"/> Sociedade Civil (ex: ONGs) |

☐ Advogados

☐ Matéria sem personagem

☐ Polícia militar

☐ Polícia civil

☐ Outros:

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

☐ Sim

☒ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

☐ Sim

☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

☐ Sim

☒ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☒ Sim

☐ Não

Quais? Medo, sofrimento, tortura, terror, tensão e desespero.

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ Anúncio de ações das polícias

☐ Demanda e ações do terceiro setor

☒ Histórias individuais

☐ Iniciativa da própria imprensa

() Seminários e eventos

() Outros:

MATÉRIA 4

Chamada - William Bonner: Boa noite. A polícia militar do Rio de Janeiro reconheceu hoje que foi um desastre o desfecho do assalto onde uma refém e o bandido morreram. O soldado mirou no assaltante, mas errou o alvo. A arma do sequestrador disparou. A professora de 20 anos levou quatro tiros e morreu grávida.

OFF 1: Depois de quatro horas e meia ameaçando os reféns e desafiando a polícia, o bandido desce do ônibus. Ele usa a professora Geísa Gonçalves como escudo e aponta um revólver para a cabeça dela. Um atirador da polícia militar se aproxima com uma submetralhadora e dispara.

Sobe som

OFF 2: A mesma cena, agora de outro ângulo.

Sobe som

OFF 3: Na câmera lenta a imagem mostra o que a perícia comprovou hoje: o tiro não acertou o bandido, mas atingiu de raspão o queixo da professora. Depois do primeiro tiro disparado pelo policial, aparece uma outra centelha na imagem, é o momento em que o bandido atira na refém. Ele descarregou a arma, que ainda tinha três balas: todas acertaram Geísa. O bandido e a mulher caem na calçada.

Sobe Som

OFF 4: A refém está ferida.

Sobe Som

OFF 5: O assaltante é levado por policiais para um carro da PM. Ele não está ferido. Hoje a revelação. O bandido Sandro do Nascimento morreu asfixiado a caminho do hospital. A informação foi dada pelo governador do Rio, Anthony Garotinho. A tarde o comandante do Bope, o batalhão de operações especiais, disse que o desfecho foi um erro do soldado Marcelo dos Santos, de vinte e sete anos - há quatro anos no Bope.

Sonora: Ali ele errou a avaliação dele e na execução. O que se passa na cabeça de uma pessoa que vai matar a outra? Só uma pessoa que não é normal é que mata uma outra friamente. O policial é normal.

Passagem: Também foi divulgado hoje à tarde, o laudo sobre as balas disparadas pelo bandido que atingiram a professora Geísa Gonçalves, que morreu a ser atendida naquele hospital público, levou um tiro na mão e dois no abdômen.

OFF 6: Geísa foi a refém mais torturada pelo assaltante. Ela era puxada pelos cabelos e ameaçada com a arma na boca. Geísa tinha vinte anos e era professora na Rocinha, dava aulas de artesanato para crianças da favela. Está amiga de Geísa confirma. A professora estava grávida de dois meses e ainda não tinha dado a notícia para o marido.

Sonora: Ela queria só ter a certeza para falar com ele.

OFF 7: No início da tarde, a irmã de Geísa, que mora em Fortaleza, chegou ao Rio. Maria Elisângela caminhava amparada por um funcionário do aeroporto.

Sobe som

OFF 8: O corpo da professora não foi liberado pelo Instituto Médico Legal. Peritos ainda vão fazer novos exames a pedido da justiça.

Identificação do material:

Nome da matéria: Polícia admite que ação foi um desastre

Dia que foi veiculado: 13/06/2000

Tempo da matéria: 2min 44seg

Emissora: Globo

Programa: Jornal Nacional

Repórter: Vinícius Donola

Observações: matéria com sonora

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☐ ato violento
- ☒ repercussão do ato violento
- ☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ políticas de segurança pública
- ☐ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos
- ☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☒ Individualizado
- ☐ de poder público
- ☐ da sociedade civil
- ☐ do setor privado
- ☐ de organismos internacionais
- ☐ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Poder executivo federal | <input type="checkbox"/> Vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder executivo estadual | <input checked="" type="checkbox"/> Parentes/amigos das vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> Testemunha |
| <input type="checkbox"/> Poder judiciário | <input type="checkbox"/> Especialista |
| <input type="checkbox"/> Conselhos tutelares e de direitos | <input type="checkbox"/> Sociedade Civil (ex: ONGs) |
| <input type="checkbox"/> Advogados | <input type="checkbox"/> Matéria sem personagem |
- ☒ Polícia militar
- ☐ Polícia civil
- ☐ Outros:

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

- ☒ Sim ☐ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

- ☐ Sim ☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

- ☐ Sim ☒ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

- ☒ Sim ☐ Não

Quais? Desastre, ameaçando, desafiando e torturada.

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

- ☐ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo
- ☐ Anúncio de ações das polícias
- ☐ Demanda e ações do terceiro setor
- ☒ Histórias individuais
- ☐ Iniciativa da própria imprensa
- ☐ Seminários e eventos
- ☐ Outros:

MATÉRIA 5

Chamada - Fátima Bernardes: Depois da violência de ontem no Rio, o Governo Federal decidiu apressar o anúncio do novo Plano Nacional de Segurança Pública.

OFF 1: Mais treinamento para a polícia enfrentar a violência urbana: é uma das prioridades do Plano Nacional de Segurança Pública. Os policiais devem ser preparados para medir a ação de conflitos de rua, como o que aconteceu ontem no Rio.

Passagem: O sequestro do ônibus no Rio de Janeiro provocou reações aqui em Brasília. Todos concordam, é preciso agir rápido no combate a violência, mas as opiniões divergem quanto à forma de enfrentar o problema.

OFF 2: O presidente da Câmara, Michel Temer, acha que o país não precisa de novas leis para combater a violência.

Sonora: O Plano de Segurança, se for a destinação de verbas para os Estados construírem presídios, para reequiparem suas polícias, para motivarem os policiais, vale a pena. Agora, Plano de Segurança para fazer novas leis: desistam!

OFF 3: O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, disse que o Plano de Segurança é importante, mas que o governo precisa agir de imediato colocando as forças armadas nas ruas.

Sonora: Não vou invadir o Pentágono, não vou invadir a Casa Branca, não vou para Europa... Vou fazer o quê? Trabalhar, trabalhar para dar segurança à população.

OFF 4: No Rio, o presidente Fernando Henrique disse que as Forças Armadas não vão resolver o problema da Segurança Pública.

Sonora: As Forças Armadas Brasileiras são compostas não por soldados profissionais, são recrutas de 17, 18 anos, que passam um ano sendo treinados e que não tem um treinamento específico para lidar nem com o crime organizado, nem com a droga, nem com os motins. Nós estamos atuando no sentido de aumentar o grau de coordenação de programas específicos que possam enfrentar essa questão.

Identificação do material:

Nome da matéria: Sequestro do ônibus 174 no Rio/ Repercussão em Brasília

Dia que foi veiculado: 13/06/2000

Tempo da matéria: 1min 50seg.

Emissora: Globo

Programa: Jornal Nacional

Repórter: Cristina Serra

Observações: matéria com sonora

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

☐ ato violento

☐ repercussão do ato violento

☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)

- ☒ (X) políticas de segurança pública
- ☐ () causas gerais da violência
- ☐ () soluções gerais para o problema da violência
- ☐ () Legislação
- ☐ () Direitos Humanos
- ☐ () Campanhas/Protestos
- ☐ () Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☐ () Individualizado
- ☒ (X) de poder público
- ☐ () da sociedade civil
- ☐ () do setor privado
- ☐ () de organismos internacionais
- ☐ () Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|--|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> (X) Poder executivo federal | <input type="checkbox"/> () Vítimas |
| <input type="checkbox"/> () Poder executivo estadual | <input type="checkbox"/> () Parentes/amigos das vítimas |
| <input checked="" type="checkbox"/> (X) Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> () Testemunha |
| <input type="checkbox"/> () Poder judiciário | <input type="checkbox"/> () Especialista |
| <input type="checkbox"/> () Conselhos tutelares e de direitos | <input type="checkbox"/> () Sociedade Civil (ex: ONGs) |

☐ Advogados

☐ Matéria sem personagem

☐ Polícia militar

☐ Polícia civil

☐ Outros:

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

☒ Sim

☐ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

☐ Sim

☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

☒ Sim

☐ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☐ Sim

☒ Não

Quais?

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☒ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ Anúncio de ações das polícias

☐ Demanda e ações do terceiro setor

☐ Histórias individuais

☐ Iniciativa da própria imprensa

() Seminários e eventos

() Outros:

MATÉRIA 6

Chamada - Fátima Bernardes: Um dia depois do sequestro do ônibus no Rio, os reféns descreveram a situação que enfrentaram nas horas que passaram sob a mira de um revólver.

OFF 1: Duas e meia da tarde, a viagem no ônibus 174 é interrompida subitamente. Lá dentro já não há passageiros, só um sequestrador e seus reféns. Gente comum, voltando do trabalho, da escola, do banco... Agora aprisionados no meio de uma negociação. O sequestrador tem um revólver engatilhado na mão e atira no vidro do ônibus.

Sobe Som

Sonora: Naquele momento ele começou a mirar assim e deu um tiro. Sem mais nem menos, como se fosse um reflexo.

OFF 2: O estudante William de Moura cochilava quando ônibus foi cercado pela polícia. William foi obrigado a tentar dirigir o ônibus.

Sonora: Eu falei que não sabia dirigir. Ele: “não vem cá, dirige assim mesmo, dá o seu jeito”. Eu tentava assim, ligava, aí morria, depois ligava de novo aí tentava passar a marcha. Ele deixou bem claro... Até ele falou assim: “É, eu já tinha visto num filme, como em um filme... Aí ele foi lá, ia pegar o ônibus e seguir direto a barreira que estava os carros assim.

OFF 3: O estudante foi o primeiro a ser liberado. Depois dele, outros três reféns saíram. Damiana Nascimento foi amparada e seguiu direto para o hospital. Hoje, ainda traumatizada, não quis falar e teve que ser socorrida novamente. O sequestrador também usa a força para intimidar as pessoas. Enfia o cano do revólver na boca da refém e manda

recado para polícia: vai matar se não tiver as exigências atendidas. Chega a fazer uma contagem regressiva.

Sobe som - Sandro: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove...

OFF 4: Era apenas um blefe, parte da sessão de tortura que se arrastou por quatro horas e meia... E boa parte desse tempo, a estudante Janaina Neves ficou com o revólver apontado para a cabeça, até que foi obrigada a se deitar no chão do ônibus.

Sonora: A gente achava que ele ia matar todo mundo às seis horas da tarde, tanto é que ele atirou em mim, simulou um tiro em mim, como se tivesse me matado e eu falei: “é agora né...” Tampei o ouvido e falei: “Seja o que Deus quiser”.

OFF 5: Luana Guimarães foi a quarta refém a ser dominada pelo sequestrador.

Sonora: Eu fiquei desesperada, chorei, fiquei muito nervosa.

OFF 6: Ela também esteve várias vezes sob a mira da arma.

Sonora: Ele apontou a arma para minha cabeça, pro meu ouvido, pro nariz, quando ele fez “uni duni tê”, fui eu que fui a escolhida, mas ele não, não atirou.

OFF 7: Luana diz ainda que tentou acalmar a professora Geísa, que estava grávida de dois meses.

Sonora: Ela tava apavorada. Pediu, pediu para sair, ele não deixou. Falou que se uma tentasse sair a outra que tava dentro morreria. Eu falei que ela não ia morrer.

OFF 8: Foi Luana que abriu a porta do ônibus para o sequestrador sair.

Sonora: Ele falou: “Ah, vamos dar um passeio lá fora”. Eu peguei e abri a porta porque eu achei que a situação estaria resolvida... Eu pensei que ninguém ia atirar porque ele estava muito perto dela.

OFF 9: Hoje o ônibus voltou a circular pela cidade. Em vez de 174, a linha agora é 176. Mas a marca do tiro ainda está no chão.

Passagem: Flores e um cartaz lamentando o trágico desfecho do sequestro. Na esquina onde tudo aconteceu, essas são as lembranças do drama vivido ontem pelos reféns do ônibus 174.

OFF 10: No fim da tarde, amigos e vizinhos da professora Geísa se reuniram no mesmo lugar onde ela morreu para uma rápida e sincera homenagem.

Sobe som

Nota pé - Fátima Bernardes: O corpo da professora Geísa foi liberado agora à noite pela justiça e segue ainda hoje para ser enterrado em Fortaleza. A perícia revelou a pouco que, ao contrário do que diziam os amigos, Geísa não estava grávida.

Identificação do material:

Nome da matéria: Reféns contam o drama vivido com o sequestrador

Dia que foi veiculado: 13/06/2000

Tempo da matéria: 3min 56seg.

Emissora: Globo

Programa: Jornal Nacional

Repórter: Ari Peixoto

Observações: matéria com sonora

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

☐ ato violento

☒ repercussão do ato violento

☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)

☐ políticas de segurança pública

☐ causas gerais da violência

☐ soluções gerais para o problema da violência

☐ Legislação

☐ Direitos Humanos

☐ Campanhas/Protestos

☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

☒ Individualizado

☐ de poder público

☐ da sociedade civil

☐ do setor privado

☐ de organismos internacionais

☐ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

☐ Poder executivo federal

☒ Vítimas

☐ Poder executivo estadual

☐ Parentes/amigos das vítimas

☐ Poder legislativo (todas as esferas)

☐ Testemunha

☐ Poder judiciário

☐ Especialista

☐ Conselhos tutelares e de direitos

☐ Sociedade Civil (ex: ONGs)

☐ Advogados

☐ Matéria sem personagem

☐ Polícia militar

☐ Polícia civil

☐ Outros:

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

☒ Sim ☐ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

☐ Sim ☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

☐ Sim ☒ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☒ Sim ☐ Não

Quais? Aprisionados, traumatizada, tortura, dominada e drama

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ Anúncio de ações das polícias

☐ Demanda e ações do terceiro setor

☒ Histórias individuais

☐ Iniciativa da própria imprensa

☐ Seminários e eventos

☐ Outros:

MATÉRIA 7

Chamada - Pedro Bial: Um oficial da ativa da polícia militar faz revelações sobre o drama que chocou o país. O assalto ao ônibus na Rua Jardim Botânico, no Rio de Janeiro.

Chamada - Glória Maria: Você vai saber agora o que aconteceu com a arma do soldado que avançou contra o assaltante. Uma sucessão de erros terminou provocando a morte de uma inocente: uma professora que dava aulas de arte a crianças no morro do Rio.

Pedro Bial: O Fantástico faz o teste: e se os atiradores da polícia militar tivessem entrado antes em ação, o que teria acontecido?

OFF 1: Um assaltante enlouquecido ameaça os passageiros de um ônibus.

Sobe som - Sandro: Seu delegado, já morreu uma... Vai morrer outra...

OFF 2: Medo.

Sobe som

OFF 3: E uma reação desastrada da polícia.

Sobe som: tiros

OFF 4: Fim do assalto. A professora Geísa Firmo Gonçalves não resiste aos tiros. O assaltante Sandro do Nascimento é morto por asfixia pelos policiais, dentro do camburão. Este homem garante que o fim desta história poderia ter sido diferente. Capitão da ativa da PM do Rio Rodrigo Pimentel, servil durante seis anos no Bope, a Tropa de Elite que atuou no sequestro. Ele viu diversas vezes as imagens da TV. Primeira conclusão: o soldado Marcelo dos Santos partiu para o ataque sem engatilhar a submetralhadora. Um erro fatal.

Sonora: Quando ele chega próximo ao marginal, nós verificamos que o dedo polegar dele abaixa a alavanca de manejo que termina engatilhando a arma. Ele perde alguns décimos de segundo.

OFF 5: Com uma submetralhadora, o capitão mostra o movimento que o soldado teve que fazer diante do sequestrador. As imagens revelam que o assaltante percebeu o ataque do policial.

Repórter: Naquele momento ele não poderia atirar?

Sonora: Não estava em condições de tiro. Teria que terminar esse estancamento, terminar o engatilhamento para poder atirar a arma.

OFF 6: Revela também outro erro do PM. A arma está apontada para o ombro, não para a cabeça do sequestrador.

Sonora: O policial estava mais de dois anos sem praticar nenhum tipo de exercício tático.

OFF 7: Nesta imagem o comandante do Bope, coronel José Penteado, parece falar com os homens que estavam na frente do ônibus. Entre eles, o soldado Marcelo. Depois da tragédia o coronel negou que tivesse dado ordens ao soldado para que ele tentasse o ataque. Mas o capitão Pimentel conversou com oficiais que participaram da ação.

Sonora: Os oficiais afirmam que havia ordem tácita e implícita daquela ação. A disciplina tática do Bope é uma marca do Bope. O policial não age sem ordem.

OFF 8: Mas quem seria o responsável pelos erros? O soldado?

Sonora: A responsabilidade é de quem colocou aquele policial ali.

Repórter: A responsabilidade então seria do comandante do Bope?

Sonora: Com certeza.

Passagem: Agora o capitão Pimentel vai demonstrar uma das alternativas que poderiam ter sido tentadas na última segunda-feira. Ele vai fazer o tiro de sniper. Um tiro de comprometimento. Um tiro certeiro, feito de fuzil, que tem o objetivo de matar imediatamente o agressor.

Sonora: O tiro de sniper ele é preciso ao ponto de evitar qualquer tipo de despajo muscular do sequestrador.

OFF 9: O capitão vai ao local da tragédia para identificar os pontos em que os atiradores poderiam ter ficado.

Sonora: Além dessas varandas e dessas janelas, ainda teriam todas as varandas desse prédio de concreto. Teria ainda essa lateral do clube e o telhado do clube.

OFF 10: Nós utilizamos o mesmo ônibus onde os reféns foram mantidos. Aqui o alvo é colocado numa das janelas, para reproduzir o momento em que o sequestrador colocou a cabeça para fora do ônibus. O capitão dispara o fuzil a cerca de 30 metros.

Sonora: É um tiro que atingiu a boca do sequestrador. O marginal não teria nenhuma chance de reação.

OFF 11: Como seria o tiro neste momento, quando o sequestrador fica em pé e as reféns sentadas? O vidro vai atrapalhar a trajetória da bala?

Sonora: Olha, o tiro foi cem por cento. Atingiu a parte branca do alvo. A parte que nos consideramos morte instantânea. Sinceramente eu não sei dizer por quê. Havia no local, fuzis preparados e atiradores preparados para tanto. Não ouve a ordem específica para que isso acontecesse.

Identificação do material:

Nome da matéria: Oficial da PM aponta os erros da operação policial

Dia que foi veiculado: 18/06/2000

Tempo da matéria: 4min 43 seg.

Emissora: Globo

Programa: Fantástico

Repórter: ---

Observações: repórter não assina a matéria.

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☐ ato violento
- ☐ repercussão do ato violento
- ☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ políticas de segurança pública
- ☐ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos
- ☒ Outros: Erro na ação da polícia militar.

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☐ Individualizado
- ☐ de poder público
- ☐ da sociedade civil
- ☐ do setor privado
- ☐ de organismos internacionais
- ☒ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Poder executivo federal | <input type="checkbox"/> Vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder executivo estadual | <input type="checkbox"/> Parentes/amigos das vítimas |

☐ Poder legislativo (todas as esferas)

☐ Testemunha

☐ Poder judiciário

☒ Especialista

☐ Conselhos tutelares e de direitos

☐ Sociedade Civil (ex: ONGs)

☐ Advogados

☐ Matéria sem personagem

☐ Polícia militar

☐ Polícia civil

☐ Outros:

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

☐ Sim

☒ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

☐ Sim

☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

☐ Sim

☒ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☒ Sim

☐ Não

Quais? Aprisionados, traumatizada, tortura, dominada e drama

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ Anúncio de ações das polícias

() Demanda e ações do terceiro setor

() Histórias individuais

(X) Iniciativa da própria imprensa

() Seminários e eventos

() Outros:

MATÉRIA 8

OFF 1: A tentativa de assalto foi na Rua Jardim Botânico, Zona Sul do Rio, no início da tarde.

Sonora: Parei no ponto, ele subiu, passou a roleta e sentou normalmente. Lá na frente. Aí alguém na rua viu que ele estava armado e avisou para a polícia, a polícia me seguiu e mandou parar o ônibus, aí quando a policial se aproximou da porta já aberta, aí ele pegou ela como refém: “se atirar eu mato ela primeiro”.

OFF 2: A rua foi interditada e o ônibus foi cercado por PMs. Assustado, o assaltante fez os passageiros como reféns. Ele pegou uma mulher e com um revólver apontado para a cabeça dela, fez várias ameaças... Ele mandou a imprensa e os policiais se afastarem. A tensão tomou conta de todos os passageiros que entraram em pânico.

Passagem: Nesse momento o comandante do batalhão de operações especiais da Polícia Militar tenta negociar com o assaltante. O momento é de muita tensão.

OFF 3: Atiradores de elite se posicionaram em pontos estratégicos. O assaltante deu dois tiros e obrigou a refém a escrever no vidro do ônibus, um recado para os policiais: “ele disse que tem um pacto com o diabo e que todos já viram do que é capaz” e gritou na janela que pretendia matar a refém.

Sobe som

OFF 4: Três passageiros conseguiram ser libertados. O marido de uma das reféns estava desesperado.

Repórter: É sua esposa?

Sonora: É sim, ela tá saindo agora, olha lá.

OFF 5: Até o início da noite, o bandido continuava andando de um lado para o outro dentro do ônibus, ameaçando os reféns. Depois de libertar mais um refém, o assaltante decidiu descer do ônibus. Um policial deu três tiros nas costas do bandido.

Sobe som

OFF 6: Era o fim de uma tensão que durou mais de cinco horas. Do Rio de Janeiro, Che Oliveira.

Identificação do material:

Nome da matéria: Sequestro do ônibus 174

Dia que foi veiculado: 12/06/2000

Tempo da matéria: 2min 17 seg.

Emissora: Bandeirantes

Programa: Jornal da Band

Repórter: Che Oliveira

Observações: matéria com sonora

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

☒ (X) ato violento

☐ () repercussão do ato violento

☐ () forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)

☐ () políticas de segurança pública

- ☐ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos
- ☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☒ Individualizado
- ☐ de poder público
- ☐ da sociedade civil
- ☐ do setor privado
- ☐ de organismos internacionais
- ☐ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Poder executivo federal | <input checked="" type="checkbox"/> Vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder executivo estadual | <input checked="" type="checkbox"/> Parentes/amigos das vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> Testemunha |
| <input type="checkbox"/> Poder judiciário | <input type="checkbox"/> Especialista |
| <input type="checkbox"/> Conselhos tutelares e de direitos | <input type="checkbox"/> Sociedade Civil (ex: ONGs) |
| <input type="checkbox"/> Advogados | <input type="checkbox"/> Matéria sem personagem |

☐ Polícia militar

☐ Polícia civil

☐ Outros:

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

☒ Sim

☐ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

☐ Sim

☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

☐ Sim

☒ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☒ Sim

☐ Não

Quais? Tensão, pânico e desesperado

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ Anúncio de ações das polícias

☐ Demanda e ações do terceiro setor

☒ Histórias individuais

☐ Iniciativa da própria imprensa

☐ Seminários e eventos

() Outros:

MATÉRIA 9

OFF 1: Na delegacia, Luana, uma das passageiras, disse que foi preciso muita calma para não perder o controle durante as mais de cinco horas, em que ficou em poder do assaltante.

Sonora: Ele é muito instável. Tinha hora que decidia uma coisa, depois “dis-decidia” e tava resolvia e depois não tava mais. Ele não tava muito certo do que ele queria.

OFF 2: Outros passageiros, traumatizados, só pensavam em ir para casa. Já dona Emily contou que conseguiu sair do ônibus assim que viu o assaltante entrar.

Sonora: Eu estava na frente, fui para trás e pulei a roleta.

Passagem: O comandante do batalhão de operações especiais da PM deu uma entrevista coletiva ao lado do governador Anthony Garotinho, para comentar sobre a ação da polícia.

Sonora: Ele tava preocupado com uma outra ação, com outro negociador, e era um momento certo de dá um tiro surpresa, conseguir a surpresa em cima dele e resgatar a vítima. Só que ele, ao cair, se caiu disparando a arma.

Sonora: A polícia agiu com prudência para evitar uma tragédia. Além de psicopata, esse homem estava drogado. Nós já dissemos aqui, o desfecho não foi o que o coronel Penteado desejava, muito menos o governador de Estado. Mas nem sempre as situações terminam de forma ideal.

Identificação do material:

Nome da matéria: Coletiva de imprensa com governador e comandante

Dia que foi veiculado: 12/06/2000

Tempo da matéria: 1min 26 seg.

Emissora: Bandeirantes

Programa: Jornal da noite

Repórter: Che Oliveira

Observações: matéria com sonora

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☐ ato violento
- ☒ repercussão do ato violento
- ☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ políticas de segurança pública
- ☐ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos
- ☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☒ Individualizado
- ☐ de poder público
- ☐ da sociedade civil
- ☐ do setor privado
- ☐ de organismos internacionais
- ☐ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Poder executivo federal | <input checked="" type="checkbox"/> Vítimas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Poder executivo estadual | <input type="checkbox"/> Parentes/amigos das vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> Testemunha |
| <input type="checkbox"/> Poder judiciário | <input type="checkbox"/> Especialista |
| <input type="checkbox"/> Conselhos tutelares e de direitos | <input type="checkbox"/> Sociedade Civil (ex: ONGs) |
| <input type="checkbox"/> Advogados | <input type="checkbox"/> Matéria sem personagem |
| <input checked="" type="checkbox"/> Polícia militar | |
| <input type="checkbox"/> Polícia civil | |
| <input type="checkbox"/> Outros: | |

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

- ☒ Sim ☐ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

- ☐ Sim ☒ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

- ☐ Sim ☒ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

- ☒ Sim ☐ Não

Quais? Traumatizados.

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

- ☐ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo
- ☐ Anúncio de ações das polícias
- ☐ Demanda e ações do terceiro setor
- ☒ Histórias individuais
- ☐ Iniciativa da própria imprensa
- ☐ Seminários e eventos
- ☐ Outros:

MATÉRIA 10

Passagem: Segundo o comandante do batalhão de operações especiais da PM, o soldado Marcelo de Oliveira Santos, que está há três anos na corporação, não é um atirador de elite e tomou a decisão de baleiar o assaltante por conta própria.

Sonora: Eles estavam posicionando, aguardando ordens para entrar.

OFF 1: Mas ontem, numa coletiva com o governador, o coronel Penteado tinha outra opinião sobre a atitude do soldado.

Sonora: Naquele momento foi um momento crucial, é um momento que nós chamamos de delta X, em que ele estava preocupado com outra ação, com o outro negociador, e era um momento certo de dá um tiro surpresa, conseguir a surpresa em cima dele.

OFF 2: Como se as contradições não fossem suficientes, nesta imagem é possível ver o sequestrador Sandro do Nascimento, entrando com vida dentro do carro da polícia. Hoje, se sabe que ele não levou nenhum tiro, e o mais grave: morreu por asfixia a caminho do hospital. Os cinco policiais suspeito de matar Sandro estão presos.

Sonora: Há um laudo pericial, um laudo médico legal, que comprova que a morte de Sandro se deu por asfixia, asfixia mecânica, isso não se justifica, em princípio. Evidentemente que o inquérito, ele vai colher provas, depoimentos, haverá uma inquirição e a justiça irá apreciar. Mas em princípio, a posição nossa é no sentido de que houve um crime, foi praticado um crime.

Identificação do material:

Nome da matéria: Soldado é que tomou a decisão de balear assaltante

Dia que foi veiculado: 13/06/2000

Tempo da matéria: 1min 30 seg.

Emissora: Bandeirantes

Programa: Jornal da Band

Repórter: Che Oliveira

Observações: matéria com sonora

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☐ ato violento
- ☒ repercussão do ato violento
- ☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ políticas de segurança pública
- ☐ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos

☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☒ Individualizado
- ☐ de poder público
- ☐ da sociedade civil
- ☐ do setor privado
- ☐ de organismos internacionais
- ☐ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Poder executivo federal | <input type="checkbox"/> Vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder executivo estadual | <input type="checkbox"/> Parentes/amigos das vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> Testemunha |
| <input type="checkbox"/> Poder judiciário | <input type="checkbox"/> Especialista |
| <input type="checkbox"/> Conselhos tutelares e de direitos | <input type="checkbox"/> Sociedade Civil (ex: ONGs) |
| <input type="checkbox"/> Advogados | <input type="checkbox"/> Matéria sem personagem |
| <input checked="" type="checkbox"/> Polícia militar | |
| <input checked="" type="checkbox"/> Polícia civil | |
| <input type="checkbox"/> Outros: | |

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

☒ (X) Sim ☐ () Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

☐ () Sim ☒ (X) Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

☐ () Sim ☒ (X) Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☐ () Sim ☒ (X) Não

Quais?

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ () Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ () Anúncio de ações das polícias

☐ () Demanda e ações do terceiro setor

☒ (X) Histórias individuais

☐ () Iniciativa da própria imprensa

☐ () Seminários e eventos

☐ () Outros:

MATÉRIA 11

OFF 1: Foi uma tragédia estampada nos jornais de todo o mundo. A indignação ultrapassou fronteiras e surpreendeu a imprensa estrangeira. Muitos jornalistas, que participam de um encontro mundial no Rio, criticaram o despreparo da polícia.

Sonora: Faltou mais rapidez, faltou mais audácia.

Sonora: O problema da polícia é que ela não está preparada para atacar este tipo de crime.

OFF 2: No lugar do constrangimento, elogios ao papel da imprensa na cobertura do caso. O presidente Fernando Henrique Cardoso, fez um discurso para jornalistas de 70 países, admitindo a repercussão negativa em todo o mundo.

Sonora: A mídia tem de mostrar o que está acontecendo se não mostrar o que está acontecendo ela está ajudando a perpetuar enganos. Bom ou ruim para quem seja responsável, político ou policial, que seja, ela tem que mostrar o que está acontecendo, criteriosamente. Criteriosamente não é esconder, é mostrar com objetividade, é isso. É claro que depois cada um vai interpretar porque foi... Devia fazer isso, devia fazer aquilo.

Passagem: O presidente Fernando Henrique Cardoso, descartou a intervenção das forças armadas na área da segurança pública. Segundo ele, os recrutas não são treinados para fazer o combate da violência urbana. O presidente voltou a criticar a ação da polícia, no assalto com reféns ontem na Zona Sul da cidade.

Sonora: Acredito que eu me manifestei ontem, muito mais que uma crítica, que era contida lá, como um estado quase de que choque. Choque... Eu ontem realmente passei um dia, não é do meu estilo, deprimido, por ver seguidamente as cenas de violência, e por ver a incapacidade, que eu não julgo, mas que houve, de uma ação mais eficaz. Eu acho que todos os brasileiros e todas as brasileiras nos sentimos com esses sentimentos misto de pavor, de indignação, com o que estava acontecendo.

Identificação do material:

Nome da matéria: Repercussão em outros países

Dia que foi veiculado: 14/06/2000

Tempo da matéria: 2min 03 seg.

Emissora: Bandeirantes

Programa: Jornal da Band

Repórter: ---

Observações: O repórter não assinou a matéria.

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☐ ato violento
- ☒ repercussão do ato violento
- ☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ políticas de segurança pública
- ☐ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos
- ☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☐ Individualizado
- ☐ de poder público

- ☒ (X) da sociedade civil
- ☐ () do setor privado
- ☐ () de organismos internacionais
- ☐ () Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> (X) Poder executivo federal | <input type="checkbox"/> () Vítimas |
| <input type="checkbox"/> () Poder executivo estadual | <input type="checkbox"/> () Parentes/amigos das vítimas |
| <input type="checkbox"/> () Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> () Testemunha |
| <input type="checkbox"/> () Poder judiciário | <input type="checkbox"/> () Especialista |
| <input type="checkbox"/> () Conselhos tutelares e de direitos | <input type="checkbox"/> () Sociedade Civil (ex: ONGs) |
| <input type="checkbox"/> () Advogados | <input type="checkbox"/> () Matéria sem personagem |
| <input type="checkbox"/> () Polícia militar | |
| <input type="checkbox"/> () Polícia civil | |
| <input checked="" type="checkbox"/> (X) Outros: Jornalistas que participavam de um encontro no Rio de Janeiro | |

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

- ☒ (X) Sim ☐ () Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

- ☐ () Sim ☒ (X) Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

- ☒ (X) Sim ☐ () Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☒ (X) Sim

☐ () Não

Quais? Tragédia, indignação, surpreendeu e constrangimento

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ () Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

☐ () Anúncio de ações das polícias

☐ () Demanda e ações do terceiro setor

☐ () Histórias individuais

☐ () Iniciativa da própria imprensa

☒ (X) Seminários e eventos

☐ () Outros:

MATÉRIA 12

OFF 1: Os alunos voltaram à escola, mas não esquecem o que viram pela televisão.

Sonora: Eu fiquei desesperado, muito. Puxando o cabelo dela. Morreu sem querer ela.

OFF 2: Damiana, que estava com Geísa no ônibus e foi libertada a pedido da amiga, ainda não se recuperou do trauma. Vítima de dois derrames no ano passado, ela continua em estado de choque.

Sonora: Ela não esta comendo nada, não está dormindo direito por causa do remédio que ela toma, e nem os remédios estão fazendo efeito.

OFF 3: Foi através de uma carta, que Damiana resolveu desabafar. Ela conta: “quando ele agarrou a mulher, Geísa rapidamente me empurrou para baixo do chão. Eu fiquei ali, sem poder levantar. Então ela deitou seu corpo por cima do meu e passava a mão na minha cabeça o tempo todo”. Imagens que o filho de Damiana também acompanhou pela TV.

Sonora: Eu tinha medo dele matar minha mãe.

Passagem: Este não foi o primeiro envolvimento de Sandro num caso de repercussão. Em julho de 93, ele foi testemunha de um crime que aconteceu na porta desta igreja. Alex mancha, como ele era conhecido, estava aqui, quanto sete meninos de rua foram assassinados na chacina da Candelária.

OFF 4: Inove conheceu Sandro ainda menino, vivendo sobre marquises, sem família. O garoto que descreve era calmo, tímido, assustado. Nas imagens gravadas na véspera da chacina, ele aparece sobre uma mureta, olhando os amigos se divertirem. Em abril deste ano, Sandro procurou Ivone em busca de um emprego. Ela pediu que ele voltasse dois meses depois, mas não deu tempo.

Sonora: Esse é o desfecho de todos eles... Todos os meninos que na rua, ou em zona de risco, risco social, como você quiser falar, que não tiveram um acompanhamento adequado terminarão como ele. Sem exceção. Então nós temos potencialmente no Brasil, uns bons dois três milhões de jovens ociosos, sem escolaridade, fazendo nada, entrando na marginalidade, que poderão um dia fazer a mesma coisa que o Sandro fez.

OFF 5: A jovem que esconde o rosto também sobreviveu a chacina da Candelária e era namorada de Sandro. Ela conta que os dois faziam planos de comprar uma carrocinha de cachorro quente, ter filhos, deixar o crime. E fala dos motivos que levavam o namorado a roubar.

Sonora: Ele se revoltava mais, queria roubar mais, quando ele via a os outros amigos deles comendo comida e botando uma roupa nova, ele ficava “boladão” e aí ia arrumar um dinheiro.

Identificação do material:

Nome da matéria: Vítimas do sequestro e história do Sandro

Dia que foi veiculado: 15/06/2000

Tempo da matéria: 2min 30 seg.

Emissora: Bandeirantes

Programa: Jornal da Band

Repórter: Mônica Ferreira

Observações: matéria com sonora

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☐ ato violento
- ☐ repercussão do ato violento
- ☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ políticas de segurança pública
- ☒ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos
- ☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☐ Individualizado
- ☐ de poder público

- ☒ (X) da sociedade civil
- ☐ () do setor privado
- ☐ () de organismos internacionais
- ☐ () Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> () Poder executivo federal | <input type="checkbox"/> () Vítimas |
| <input type="checkbox"/> () Poder executivo estadual | <input type="checkbox"/> () Parentes/amigos das vítimas |
| <input type="checkbox"/> () Poder legislativo (todas as esferas) | <input type="checkbox"/> () Testemunha |
| <input type="checkbox"/> () Poder judiciário | <input type="checkbox"/> () Especialista |
| <input type="checkbox"/> () Conselhos tutelares e de direitos | <input checked="" type="checkbox"/> (X) Sociedade Civil (ex: ONGs) |
| <input type="checkbox"/> () Advogados | <input type="checkbox"/> () Matéria sem personagem |
| <input type="checkbox"/> () Polícia militar | |
| <input type="checkbox"/> () Polícia civil | |
| <input checked="" type="checkbox"/> (X) Outros: parentes/amigos do suspeito | |

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

- ☒ (X) Sim ☐ () Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

- ☒ (X) Sim ☐ () Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

- ☒ (X) Sim ☐ () Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

(X) Sim () Não

Quais? “recuperou do trauma”, “estado de choque” e desabafar.

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

() Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

() Anúncio de ações das polícias

() Demanda e ações do terceiro setor

(X) Histórias individuais

() Iniciativa da própria imprensa

() Seminários e eventos

() Outros:

MATÉRIA 13

OFF 1: Silêncio diante das lembranças de uma morte trágica. Desenhos na calçada, velas derretidas e marcas de tiro.

Sonora: É muito sentimento que a gente sei lá, porque a gente tem de ter muita força e pedir muita força a Deus e se conformar que a vida continua. Onde ela está, eu sei que ela está muito feliz.

OFF 2: A segurança reforçada na área não convenceu o pai e a irmã da professora morta no sequestro no ônibus 174, no Jardim Botânico Zona Sul do Rio. O advogado da família, não descarta a possibilidade de pedir a exumação do corpo, já que desconfia do laudo

cadavérico, feito no Instituto Medico Legal. Ele também quer a reconstituição do crime e um novo exame de balística.

Sonora: A nossa preocupação é com a verdade real, para que seja feita justiça. Nós queremos fomentar, com esta visita ao Rio de Janeiro, e esse é o nosso único objetivo: o questionamento dessa segurança pública “de faz de conta” no Brasil. Na verdade, nós só teremos segurança pública quando nós tivermos segurança social.

Passagem: Na segunda-feira, os parentes de Geísa têm encontro marcado com o Governador do Rio. Eles rejeitam a proposta de uma pensão de três salários mínimos e exigem uma indenização que pode chegar 900 mil reais.

OFF 3: O dinheiro será usado no projeto comunitário Curumim, onde Geísa trabalhava na favela da Rocinha. Durante os oitos meses em que morou aqui, ela se dedicou a ensinar crianças carentes a fazer cestas artesanais. O objetivo era evitar que esses jovens, que vivem na favela, sejam aliciados pelo tráfico de drogas. Uma iniciativa que vai inspirar a fundação Geísa, no Ceará.

Sonora: Quero criar uma fundação com o nome dela pra que as pessoas vejam que a Geísa foi um ser de luz né, que não vai se apagar nunca, jamais.

Identificação do material:

Nome da matéria: Parentes de Geísa/ Fundação com o nome da vítima.

Dia que foi veiculado: 16/06/2000

Tempo da matéria: 1min 50 seg.

Emissora: Bandeirantes

Programa: Jornal da Band

Repórter: ---

Observações: O repórter não assinou a matéria.

Principal foco da matéria (permite apenas uma marcação):

- ☐ ato violento
- ☒ repercussão do ato violento
- ☐ forças de segurança (Exército, P. Federal, P. Civil ou P. Militar)
- ☐ políticas de segurança pública
- ☐ causas gerais da violência
- ☐ soluções gerais para o problema da violência
- ☐ Legislação
- ☐ Direitos Humanos
- ☐ Campanhas/Protestos
- ☐ Outros:

Enquadramento da notícia (permite apenas uma marcação):

- ☒ Individualizado
- ☐ de poder público
- ☐ da sociedade civil
- ☐ do setor privado
- ☐ de organismos internacionais
- ☐ Conceitual

Fontes ou personagens ouvidos nas matérias:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Poder executivo federal | <input type="checkbox"/> Vítimas |
| <input type="checkbox"/> Poder executivo estadual | <input checked="" type="checkbox"/> Parentes/amigos das vítimas |

☐ Poder legislativo (todas as esferas)

☐ Testemunha

☐ Poder judiciário

☐ Especialista

☐ Conselhos tutelares e de direitos

☐ Sociedade Civil (ex: ONGs)

☒ Advogados

☐ Matéria sem personagem

☐ Polícia militar

☐ Polícia civil

☐ Outros:

A matéria tem mais de uma fonte/personagem?

☒ Sim

☐ Não

A matéria aponta as causas que podem ter levado ao sequestro?

☒ Sim

☐ Não

A matéria aponta soluções para o problema da violência:

☒ Sim

☐ Não

A matéria tem palavras que dramatizam a informação:

☒ Sim

☐ Não

Quais? Trágica.

Como o assunto foi inserido na pauta da mídia?

☐ Anúncio de novas medidas pelos diferentes níveis de governo

- ☐ Anúncio de ações das polícias
- ☐ Demanda e ações do terceiro setor
- ☒ Histórias individuais
- ☐ Iniciativa da própria imprensa
- ☐ Seminários e eventos
- ☐ Outros: